

ANNE BISHOP

Belladonna

Tradução de:
Cristina Correia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir

*dedicado a Mia Qian Lee Debany.
Bem-vinda às nossas paisagens.*

*E para os Mágicos que compreendem que
a verdadeira magia está no amor.*

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora, a Debra Dixon por ser a segunda leitora, a Doranna Durgin por manter o sítio da Web, a Dirk Flinthart por responder a questões acerca da flauta irlandesa, a Nadine e Danny Fallacaro pelas informações náuticas e a Pat Feidner por partilhar as alegrias e as mágoas da viagem.



CAPÍTULO UM

Presente

À luz triste e ténue, qual arauto da aurora, Glorianna seguia o caminho pelos bosques até chegar à cabana de dois andares. As portadas haviam sido pintadas fazia pouco tempo, reparou ao contornar o edifício. Na verdade, parecia que tudo tinha sido revirado e sujeito a limpeza profunda. Até o terreno circundante mostrava sinais de ter sido posto em ordem.

O casamento do primo Sebastian e Lynnea, o desejo do seu coração, no final do Verão fora um acontecimento maravilhoso. Se Lynnea tivesse conseguido cultivar os jardins que desejava bem como limpar a cabana, duvidava que restasse energia a Sebastian para cumprir os deveres de homem casado assim que caísse na cama, à noite. Como Sebastian era íncubo e julgava que respirar era a única actividade mais importante do que sexo, tal revelava muito acerca das ambições de Lynnea.

Animada pela ideia, Glorianna riu-se ao ver o primo. Estava do outro lado do caminho que passava por detrás da cabana onde uma clareira nas árvores permitia ver com clareza o céu e o lago para lá do desfiladeiro.

O riso atenuou-se, tornando-se num sorriso afectuoso que continha todo o amor que sentia por ele. O íncubo virou ligeiramente a cabeça, o único indício de que a ouvira a chegar, ainda que não tivesse desviado os olhos do céu enquanto o Sol nascia.

— Tornar-me-ei como os outros? — perguntou Sebastian em voz baixa, enquanto Glorianna lhe dava o braço de modo afável. — Começarei a ver o nascer do sol como algo banal e deixarei de sentir o encantamento que encerra? Chegarei ao ponto em que encararei a primeira luz do dia como nada mais do que uma forma de medir o tempo?

— Tiveste de conquistar cada nascer do sol — respondeu Glorianna, pestanejando para afastar as lágrimas que, subitamente lhe faziam arder os olhos. — Por isso, não, Sebastian, creio que nunca os irás considerar como um dado adquirido.

Podia tê-lo perdido. Quando partira para a Cidade dos Magos para ludibriar os Guias das Trevas, que eram os aliados mais ardilosos do Devo-

rador do Mundo, contara com o amor e a coragem de Lynnea para manter Sebastian a salvo quando libertasse a Justiça do Coração. Se Lynnea tivesse vacilado, Sebastian teria sido arrastado para uma paisagem obscura e desvirtuada que ressoasse com a vida lúgubre que os Guias das Trevas o tinham levado a acreditar que merecia.

Porém, Lynnea não vacilara e Sebastian seguira o seu coração, o que os levava à cabana. Ao longo dos anos em que lá vivera sozinho, a cabana existira nos limites da paisagem obscura conhecida como Antro de Devassidão. Presentemente, encontrava-se em Aurora, uma paisagem diurna, que era a terra natal da sua mãe, Nádía.

Sebastian suspirou, deleitado, e olhou para Glorianna. — És servida de uma chávena de café?

— Claro. — Mas não se moveu em direcção à cabana. Pairava um anseio na luz do novo dia, provocando-lhe um aperto no coração. O casamento de Sebastian e Lynnea – ao qual se seguira, passada uma semana, o casamento da mãe com Jeb, um marceneiro que era vizinho e amante de Nádía, – fora uma celebração feliz. Contudo, constituíra também uma lembrança dura de que nunca conhecera um homem que a amasse daquela forma. Tivera parceiros sexuais, mas ninguém a quem pudesse chamar amante.

Bom, nenhum amante *real*. Em certas ocasiões, ao longo do último mês, quando começava a adormecer, podia jurar que sentia o calor do corpo de um homem, que sentia o peso aconchegante dos braços dele a envolverem-na.

Deveria referir aqueles ténues sonhos a Sebastian? Um íncubo conseguia criar a sensação de um amante tangível, estabelecendo ligação a uma mulher na penumbra dos sonhos quase despertos e os íncubos de raça pura, que tinham escapado das paisagens obscuras seladas com o Devorador do Mundo há séculos, eram letais. Ainda assim, julgava improvável que um íncubo, fosse ele de raça pura ou outro, permanecesse durante um sonho que continha o afecto do romance, sem o ardor sexual.

Levantou os olhos e esqueceu-se do que ia dizer. A estranha expressão de Sebastian pô-la a pensar no tempo que teria estado perdida nos seus próprios pensamentos – e fê-la magicar se o presente de aniversário que o primo lhe dera teria sido criado a partir de algo mais do que a mera imaginação de Sebastian.

— Fizeste anos a semana passada — disse Sebastian, aproximando-se de forma constrangedora do assunto que ocupava os pensamentos de Glorianna. — O que quer dizer que agora és mais velha do que eu.

O assunto poderia assemelhar-se, mas nada tinha a ver com o conteúdo. — Sou sempre mais velha do que tu — respondeu, esforçando-se por não parecer amarga. Afinal, não era *velha*.

— É verdade, mas ainda passarão meses e meses em que eu poderei continuar a dizer que tenho trinta anos e tu tens de dizer que tens trinta e um e será óbvio para *toda a gente* qual de nós é mais velho.

A tentação de fazer beicinho deixou-a envergonhada, por isso afastou-se dele. — Eu faço a porcaria do meu café. — Rodou nos calcanhares e dirigiu-se à cabana. Neste momento, a idade adulta era um cachecol desfiado e quanto mais tentava agarrar-se a ele, mais se desfiava. Não seria preciso mais do que um minuto para recorrer à atitude infantil de chamar nomes e dar caneladas. Bem, não iria chamar nomes. Nunca cedia à tentação de chamar nomes. Tal magoaria Sebastian profundamente. Mas quando tinham oito anos, tinha levado a sua quota-parte de caneladas.

Quando chegou ao carreiro, a mão de Sebastian agarrou-lhe o ombro, detendo-a. Ainda pensou dar-lhe uma leve canelada como oferta a si própria, mas a expressão do primo advertiu-a de que não deixaria de retaliar. Por isso, pegou nas pontas esgaçadas da idade adulta e enrolou-se nelas – apercebendo-se de que o facto de estar irritada com ele aliviara a ansiedade que lhe destroçara o coração. Tinha a certeza de que fora essa a intenção do primo. Mesmo quando não estava a entrar discretamente nos sonhos de outrem, por vezes Sebastian lia as emoções com demasiada precisão.

— Ora bem — disse Sebastian, inclinando a cabeça para indicar a clareira nas árvores —, sei o que me faz levantar a esta hora da manhã. E a ti?

Agora que a pergunta fora verbalizada, não desejava verdadeiramente falar acerca da razão que a levava a procurá-lo tão cedo. — O Lee ressona.

— Ah-äh.

— Bom, é verdade.

— Vai dizer isso a alguém que não tenha dormido no mesmo quarto com o Lee, ocasionalmente. A menos que haja algo de insólito no que diz respeito à acústica da antiga cabana do Jeb, o Lee não ressona assim tão alto que impeça alguém de dormir – especialmente alguém noutra quarto. — Sebastian olhou-a com um ar sagaz. — A menos que estivesses com dificuldades em adormecer e agora estás a jogar-lhe as culpas para cima.

Apanhada. Que desculpa poderia dar na qual Sebastian acreditasse – ou, pelo menos, aceitasse, em vez de continuar a insistir?

Não havia desculpa possível. Lee, o irmão, sentindo o peso do próprio esforço empregue na protecção das paisagens estilhaçadas de Efêmera contra o ataque do Devorador do Mundo, não insistiria. Ao contrário de Sebastian.

Olhou para o primo. Tinha cabelo castanho-escuro e não puramente preto, mas tinha olhos verdes tal como ela e Lee e, na constituição física, Sebastian e Lee assemelhavam-se ao ponto de serem tomados por irmãos. Mas enquanto a beleza de Lee era temperada por uma simpatia natural,

Sebastian estava repleto de sensualidade perigosa. Numa altura em que a faceta de mago da sua ascendência se tinha manifestado, não era apenas incubo como também Justiceiro do Antro de Devassidão.

Apesar dos dons e da nova função como protector do Antro, Sebastian não era responsável por tantas vidas como ela, uma vez que era Paisagista, ou como Lee, que era o Construtor de Pontes que mantinha ligados os fragmentos de Efémera pertencentes a Belladonna. Talvez por não estar directamente envolvido com o dom que valera à Paisagista demasiadas noites em claro nos últimos tempos, cedeu a dar voz aos medos.

— Já passou mais de um mês desde que me apresentei perante a Cidade dos Magos e realizei a Justiça do Coração, privando o Devorador do Mundo de alguns dos seus aliados mais poderosos — disse, desviando o olhar. — Desde então, não mais deu sinais de vida. Pelo menos, nas paisagens que controlo ou que estão aos cuidados da mãe. Contudo, depois de aniquilar as Paisagistas no Colégio, consegui aceder a todos os fragmentos do mundo ancorados em todos esses jardins. Pode estar em qualquer lugar, neste momento, semeando o medo nos corações das pessoas, acalentando sentimentos que alimentam as tendências Obscuras. Sem se aperceberem, as pessoas irão debilitar as correntes de Luz que lhes providenciariam a esperança e a força para se desviarem da Escuridão. No final, caso não exista uma Paisagista que imponha a sua vontade no mundo, Efémera remodelará os fragmentos que dela fazem parte de modo a ressoar nesses corações ensombrados – e serão geradas outras paisagens de pesadelo.

— Será que o Devorador do Mundo foi destruído quando expulsaste os Guias das Trevas? — perguntou Sebastian.

Abanou a cabeça. — Formou-se a partir do lado obscuro do coração humano. Enquanto o coração conseguir expressar tais sentimentos, não deixará de existir.

— E como conseguiremos nós destruí-lo?

— Nós, não. Eu. Sou a única Paisagista com poder para o destruir. — Ali estava. Era esse o receio que afligia as noites de Belladonna. Caso não encontrasse forma de conter o Devorador do Mundo tal como as primeiras Paisagistas tinham feito tanto tempo atrás, nada o impediria de alterar o mundo em manifestações dos receios mais profundos dos humanos. Aquelas primeiras Paisagistas, as Guias do Coração, tinham estilhado Efémera no decorrer da batalha com o Devorador. Tal tinha-lhes sido vantajoso, uma vez que puderam, por fim, isolá-lo e retirá-lo, bem como às respectivas paisagens obscuras, do mundo. Porém, o que lhes tinha sido favorável, virava-se agora contra ela. Conseguia unicamente alcançar as paisagens que ressoavam nela, enquanto o Devorador, caso encontrasse uma forma de atravessar, podia apoderar-se do resto do mundo, longe do alcance de Belladonna.

— Não estás sozinha, Glorianna — disse Sebastian, fazendo a mão deslizar pelo braço da prima, para a acalmar e confortar. — Tens de ser a líder, mas não lutarás sozinha.

Sim, lutarei sozinha. — Ofereceste-me café, lembras-te?

Sebastian observou-a tanto tempo que a fez pensar no que poderia estar o primo a detectar dos sentimentos que não queria partilhar. Até que o íncubo lhe pegou na mão enquanto atravessavam o carroiro, levando-a para as traseiras da cabana.

Ao chegarem à porta da cozinha, hesitou e disse: — É melhor não fazermos muito barulho.

— A Lynnea ainda está a dormir?

— Está, mas não acorda com pessoas a falar. Já o Pancas...

Glorianna levantou as sobrancelhas. — O Pancas?

— O periquito.

Como deviam calar-se assim que entrassem, puxou Sebastian para o degrau de baixo de modo a impedir que abrisse a porta. — Porque lhe chamaram Pancas?

— Tem qualquer coisa a ver com o facto de me atingir em cheio na testa assim que o soltamos.

Glorianna franziu o sobrolho. Nádia, que oferecera o periquito a Lynnea, deveria ter notado se o pássaro tivesse algum problema. — Tem algum problema nas asas que não consiga voar bem e não lhe permita evitar o choque?

— Não tem qualquer problema a voar em círculos à volta da Lynnea ou em segui-la pela casa — resmungou Sebastian. — Não tem qualquer problema em voar até às soleiras por cima das portas e janelas quando quer brincar ao “apanha o periquito”. Mas já comigo... De pé, sentado, não faz diferença nenhuma. Voa direitinho a mim e... — Bateu com os dedos na testa.

— Oh, céus.

— Depois, claro está, fica muito perturbado por não ter um sítio para se empoleirar, por isso desliza pela cara e agarra-se-me ao nariz.

Glorianna encolheu-se.

Sebastian acenou com a cabeça. — Por acaso sabes qual é a sensação daquelas garras afiadas a espetarem-se na ponta do nariz? E ali fica o bicho, a bater as asas desalmadamente para não cair e a rezingar a ple-nos pulmões, enquanto Lynnea fica ali a dizer: “Não o assustes, Sebastian. Ainda é novinho”.

Enquanto imaginava como conseguiria Lynnea manter um ar sério enquanto observava homem e ave, Glorianna levou a mão à boca para abafar a gargalhada. — Oh, deve doer, mas que rica imagem!

— Ah-ãh.

Glorianna viu algo nos olhos do primo que a levou a recuar um passo.
— Alguma coisa do que disseste é verdade?

— Tudo.

Sebastian sabia bem o que fizera. Por alguns instantes, enquanto imaginava Sebastian a tentar lidar com Pancas, as preocupações que a tinham afligido, dissolveram-se no brilho da gargalhada, como raios de sol a dissiparem o nevoeiro.

Contudo, a gargalhada era também uma lembrança do motivo pelo qual tinha de enfrentar o Devorador do Mundo e vencer a batalha. Não estava a preparar-se para este combate simplesmente para proteger os grandiosos Lugares de Luz, mas também para impedir que aqueles pequenos fragmentos de luminosidade fossem completamente extintos.

— Será que alguma vez vou conseguir beber café? — perguntou Glorianna.

Sorrindo, Sebastian passou o braço por cima dos ombros da prima e abriu a porta da cozinha. — É claro que sim. E se fizesses o café enquanto eu faço umas torradas para o Pancas?

— Tem direito a torradas?

— Não a uma torrada inteira — respondeu Sebastian, parecendo estar à defesa. — É pequeno. Tem de partilhar.

Glorianna olhou de relance para a gaiola coberta em cima de uma das extremidades da mesa de jantar. Seguiu Sebastian até ao balcão da cozinha, onde o primo colocou o saco de grãos de kafea e o moinho. — Não achas que vai ficar mimado por receber um acepipe todas as manhãs?

Sebastian resfolegou. — É só uma torrada. Não é como se lhe déssemos manteiga ou compota barrada no bocado que lhe cabe.

— Claro. Que tontice a minha não perceber a diferença.

Sebastian olhou-a demoradamente, para depois dizer: — Mói os grãos.

Tinha de admitir que Sebastian e Pancas davam um espectáculo divertido, em especial quando o pássaro deixava bem claro que *não* estava habituado a que o seu acepipe fosse largado no pires, esperando que Sebastian o segurasse para poder empoleirar-se nos dedos do homem e comer a sua torrada condignamente. O treino de Pancas era um pouco duvidoso, uma vez que parecia consistir em aprender apenas o que queria. No entanto, o treino de Sebastian como companheiro de brincadeiras e servo de um tirazinho de penas avançava sem percalços.

A agradável sensação que a invadiu ao deixar a cabana acompanhou-a pelo resto do dia.



CAPÍTULO DOIS

Duas semanas antes

Erinn pôs as mãos nos bolsos do casaco ao parar por baixo de um dos candeeiros acesos. No que estaria o Tommy Acendedor a pensar para acender um candeeiro a cada quatro? De facto, não era uma rua movimentada uma vez que nada havia de um dos lados a não ser as entradas nas traseiras das lojas que davam para a rua principal de Dunberry e do outro lado pequenas casas em banda pertencentes aos trabalhadores que não tinham dinheiro para mais. No entanto, eram horas das pessoas regressarem a casa depois de um serão fora e não deveriam ter de caminhar às escuras.

Da mesma forma, também tu não andarias às escuras, Erinn Mary, se tivesses ido pela rua principal como prometeste ao pai de Kaelie. Ou devias ter aceitado a sua oferta de emparelhar o cavalo e levar-te a casa. Ultimamente, têm havido demasiados infortúnios a sucederem-se pela povoação a ponto de deixar qualquer um inquieto, para não falar dos dois rapazes que desapareceram na semana passada.

Contudo, se tivesse seguido pela rua principal teria de passar pelo Bar do Donovan e não queria que Torry ou os amigos a vissem e pensassem que tinha passado para o espiar.

Uma súbita rajada de vento fez o casaco ondular à volta dela e sentia agora o frio do Inverno escondido na noite de Outono, demasiado fria para a época – como se o próprio vento estivesse a instigar as pessoas a recolherem-se.

Uma ideia fantasiosa, sem dúvida. Fantasiosa ou não, esse pensamento causou-lhe arrepios.

Erinn apressou-se até ao candeeiro aceso que se seguia.

Quando voltasse a ver Tommy Acendedor, dir-lhe-ia o que pensava – e talvez lhe desse um murro na cabeça a acompanhar. Dunberry era bastante grande e precisava de mais do que um acendedor de candeeiros, por isso cada homem tinha ruas atribuídas e o salário que lhes era pago advinha dos impostos cobrados para a manutenção da povoação, pelo que Tommy não devia descurar os seus deveres.

Da mesma forma que Torry não devia descurar o dever *dele*. Não. Nunca deveria ser considerado como dever. Torry deveria *querer* passar mais tempo com a mulher com quem ia casar no final das colheitas. Contudo, lá estava ele no bar, a beber cerveja com os amigos e a jogar dardos...

E a namoriscar as raparigas?, segredou-lhe uma voz suave dentro da cabeça.

Não. Torry não namoriscava. Nem por isso. Só o suficiente para se mostrar afável. E certamente não andaria *neste momento* a namoriscar outras raparigas, não o faria depois de ela e Torry...

E porque não?, perguntou a voz. *Que prazer sentiu com uma rapariga que não consegue sequer dizer o que fez, nem sequer em pensamento?*

Relações sexuais. Tiveram relações sexuais, Erinn pensou furiosamente ao parar sob o candeeiro aceso que se seguia. Após a primeira vez, tinha sido bastante agradável e Torry dissera que seria cada vez melhor à medida que se iam conhecendo nesse aspecto, por isso nada tinha de que se queixar.

Lá por não se queixar não quer dizer que não tenha ficado desiludido, que não esteja a magicar no que as outras raparigas poderão oferecer que tu não lhe possas dar – ou não queiras. E como poderá saber que irá melhorar a menos que já tenha feito estas coisas com outra rapariga? Uma rapariga que deixou. Tal como te deixará.

Não. O Torry não é desses.

Uma cerveja e tempo com os amigos. Tens a certeza que era só o que queria do bar? Talvez procure algo mais. Ou alguém como a...

Shauna? Era do conhecimento público que Shauna era um pouco destrambelhada e disposta a dar algo mais aos rapazes para além de alguns beijinhos. E andava de olho em Torry, ainda que ele não reparasse.

Oh, reparou pois. Tu é que não vês nada.

Uma sensação obscura e amarga percorreu Erinn, seguida de um prazer que lhe causou arrepios face à ideia de arranhar a carinha laroca de Shauna. Não, melhor ainda. Arrancaria os olhos da estaferma. *Assim*, Shauna deixaria de ser tão bonitinha. *Assim*, a cabra pararia de seduzir e de arruinar a vida de raparigas decentes. *Assim...*

Ofegante, Erinn abanou a cabeça. Porque estaria a ter estes pensamentos? Era como se estivesse outra pessoa dentro da sua cabeça, a segredar-lhe todos os pensamentos apreensivos que se tinham alojado no seu coração desde que as sensações tinham dominado a prudência e deixara Torry convencê-la a fazer a parte homem-e-mulher da noite de núpcias antes dos votos de marido-e-esposa.

Contudo, amava Torry. E ele amava-a. E já *não* iria ligar a estes murmúrios disparatados.

Erinn ergueu as mãos, que se fecharam em punhos e agarraram a parte da frente do casaco enquanto contemplava a rua escura. Acabavam ali os candeeiros acesos. As casas não tinham luzes acesas. Nada mais havia para além da escuridão, que parecia repentinamente cerrada, quase sufocante – e ciente da presença da rapariga.

Não muito longe, um cão começou a ladrar, sobressaltando-a. Talvez a tivesse farejado. O vento estava na direcção certa.

Ou talvez tivesse farejado algo diferente.

Olhou para a direita. Um corredor de serviço passava entre os edifícios. Não possibilitava a passagem de carroças ou carruagens, mas permitia a passagem de rapazes de entregas nas suas bicicletas e de pessoas que não queriam dar a volta maior até à estrada principal para fazerem compras e afins.

O Bar do Donovan não distava muito daquele lugar. Iria até lá e pediria a Torry que a acompanhasse a casa. Não importava se julgasse que o tinha ido controlar. Não se importava se o rapaz achasse que era pateta por ter medo do escuro, quando antes tal nunca acontecera. Naquela noite, Erinn *tinha* medo do escuro.

Depois de inspirar fundo e de exalar ao mesmo tempo que estremezia, parecendo ter soluçado, entrou no caminho de serviço e apressou-se em direcção à luz do lado oposto, sussurrando: — Senhoras da Ilha Alva, mantende-me na Luz. Senhoras da Ilha Alva, mantende-me na Luz.

A meio caminho, logo a seguir ao alcance da luz do candeeiro, ouviu algo a mover-se. Antes de conseguir correr, de conseguir gritar, foi agarrada por algo que a virou bruscamente, encostando-a à parede de tijolos do edifício. Uma mão tapou-lhe a boca.

Um movimento rápido. Um ruído de tecido a rasgar seguido da sensação de ar fresco onde o casaco fora, subitamente, esgaçado. Seguido de uma sensação peculiar e arrepiante no momento em que a pele e os músculos no flanco foram trespassados.

Senhora da Luz, protegei-me. Ajudai-me.

Nos poucos segundos que demorou para que o corpo reconhecesse a dor, a faca já se deslocara. Estava agora pousada na maçã do rosto, com a ponta a picar a pele logo abaixo do olho esquerdo.

— Grita — segredou uma voz adúladora — e arranco-te o olho. Diz-me o que preciso saber e deixo-te ficar com esta linda cara.

A mão que lhe tapava a boca deslocou-se. Envolveu-lhe o pescoço.

— Não me faça mal, por favor — disse Erinn, conseguindo apenas sussurrar devido ao medo que sentia.

Um homem. Isso conseguia perceber, mas a débil luz não permitia ver-lhe o rosto.

— Diz-me o que foi que sussurravas — disse o homem. — Acerca da Ilha Alva. Acerca da Luz.

— Deixe-me ir, por favor. Por favor, não...

— *Diz-me.*

— A-a Ilha Alva é o refúgio da Luz. Toda a Luz que mantém Elandar a salvo da Escuridão tem aí os seus alicerces.

— E onde fica a Ilha Alva?

Hesitou por um segundo – e sentiu a faca a espetar-se na delicada pele abaixo do olho. — A n-norte. É uma ilha ao largo da costa leste. A norte.

A mão à volta do pescoço afrouxou. A faca acariciou-lhe a face mas não a cortou quando o homem deu um passo à retaguarda.

— Quem é o senhor? — Pergunta parva. Quanto menos conseguisse descrevê-lo, melhor seria.

Sorriu. Continuava sem conseguir ver-lhe o rosto, mas sabia que tinha sorrido.

— O Devorador do Mundo.

Não ia dizer-lhe quem era. Ainda bem. Partiria e ela ficaria a salvo. Estava bastante ferida. Sabia-o. Mas bastava um passo, talvez dois e chegaria à luz, à gloriosa luz. Tinha as pernas enfraquecidas e geladas, mas iria conseguir alcançar o final do corredor de serviço, conseguiria alcançar a rua principal. Alguém repararia nela e viria em seu auxílio. Alguém iria chamar Torry e tudo ficaria bem. Casariam quando a colheita terminasse e...

Viu-o erguer a faca. E gritou.

Enterrou a faca no peito de Erinn, silenciando o grito. Silenciando a esperança. Silenciando a vida.

Ouviram-se gritos e o som de botas nas pedras da calçada enquanto os homens corriam para o corredor de serviço.

O Devorador do Mundo voltou à sua forma natural e esgueirou-se debaixo das pedras, nada mais do que uma sombra ondulante a deslocar-se para a rua principal. Um homem tropeçou quando o Ente lhe passou debaixo dos pés, deixando-lhe uma mácula no coração.

Deteve-se quando o primeiro homem alcançou a rapariga e gritou: — Erinn! Não!

Seguindo o golpe profundo no coração do homem devido à dor e ao choque de ver as mãos cobertas pelo sangue da rapariga, o Ente estendeu um tentáculo mental, penetrou na mente do homem e segredou: *Estava aqui, no corredor de serviço, por tua causa. Isto aconteceu por tua causa.*

— Não! — Mas havia algo – uma ínfima semente de dúvida, um vestígio de culpa inocente. Era terreno que bastava para o plantio.

Sim, sussurrou o Ente, colocando toda a convicção obscura nessa palavra. *Foi por tua causa que isto aconteceu.*

Retirou-se, certo de que aquelas palavras iriam ganhar raízes e ulcerar, esmorecendo a Luz do homem, quiçá talhando de tal forma a Luz que jamais voltaria a florescer, dilacerando o coração a ponto de nunca mais conseguir amar alguém plenamente.

E as correntes de Escuridão que fluíam nesta povoação ganhariam mais força – tal como acontecera a cada dia, desde o desaparecimento daqueles dois rapazes. Tinham sido tantos os corações ansiosos por ouvir os seus murmúrios acerca dos rapazes terem ido para a floresta com um homem que conheciam bem, a ponto de nada recearem.

Até à mudança de estação, os roladores mortíferos do Ente permaneceriam no rio banhado pelo sol da paisagem a que pertenciam e não viriam caçar nas águas frias do lago localizado nos limites do pasto comum da povoação. Quando as criaturas chegassem a esta paisagem, ninguém se lembraria da história contada por aqueles rapazes acerca de um tronco enorme que ganhara vida e que puxara um bezerro quase adulto para a água. E da próxima vez que um rapaz, ou um homem, se aproximasse demasiado do lago e morresse, o medo que vivia dentro daquelas pessoas estaria muito mais amadurecido, muito mais adocicado. Ecoaria perfeitamente no Ente.

Deslocou-se sob a rua principal, dirigindo-se para fora da aldeia. As pessoas estremeçiam quando passava, invisível, não reconhecendo o que era. O eco do Ente instalava-se nos seus corações sob a forma de inquietação e desconfiança, levando-os a conjecturar sobre qual dos vizinhos teria empunhado a faca. Quando encontrassem o corpo do acendedor de candeeiros...

Fora extremamente satisfatório ganhar uma forma com mandíbulas tão potentes a ponto de esmagarem ossos. Por isso, esmagara o acendedor de candeeiros, pedaço a pedaço. Quando se aborreceu de brincar com a presa, o Ente arrastou o corpo para um local escuro e alimentou-se enquanto a carne ainda estava suculenta... e viva.

Obviamente que, quando os outros humanos encontrassem o corpo, as ratazanas também já se teriam regalado.

O Ente regressaria a este lugar que dava pelo nome de Dunberry e quando isso acontecesse, as pessoas estariam ainda mais vulneráveis aos murmúrios e às sementes que plantaria no lado obscuro do coração humano – o mesmo lado que lhe dera corpo tanto tempo atrás.

Mas, para já, o Ente tinha de chegar ao mar e dirigir-se a norte. A caçada nesta paisagem seria ainda mais doce quando destruísse o Lugar de Luz.



CAPÍTULO TRÊS

Presente

Michael deteve-se à porta da Taberna do Shaney e desejou ardentemente já ter emborcado um grande copo de uísque.

Aqui, a música estava desafinada. Não seguia o ritmo. Estava *errada*. Não parecia tão grave quanto Dunberry, mas...

Dunberry. O que se passara *lá* de errado? Tudo bem, tinha tido alguns pensamentos rancorosos da última vez que lá passara, mas o canalha andava a fazer batota às cartas e merecia algum azar. Não era como se prosperasse *daquilo*. Simplesmente, achava que não seria justo que Torry perdesse a aposta só porque tinha julgado mal e tentara recheiar a carteira do casamento jogando algumas cartadas. E não tinha Torry encontrado um pequeno saco de ouro poucos dias depois – ouro que o avô escondera no celeiro há muitos anos e do qual se esquecera? Esse fragmento de sorte que proporcionara servira para equilibrar os pensamentos rancorosos, não era verdade?

Já a rapariga com quem Torry ia casar... Esfaqueada até à morte, assim fora, e tão perto de obter ajuda que Torry e os amigos chegaram a ouvir os gritos.

Ouvira o que se passara assim que chegara à povoação. Tal como ouvira o que não estava a ser explicitamente dito. Não tinha a ver com a rapariga, Erinn, mas com os dois rapazes que tinham desaparecido alguns dias antes de ser assassinada. Alguém os vira afastarem-se com um homem que não era de Dunberry mas que era familiar a ponto de confiarem nele. O que andaria um homem a fazer com dois rapazes que tiveram de desaparecer depois de já não precisar deles?

Há semanas que não vinha a Dunberry, mas mais tarde ou mais cedo alguém colocaria o seu rosto ou as suas roupas naquele homem “familiar” e não interessava que estivesse noutra povoação aquando do desaparecimento dos rapazes. Assim que os aldeões decidissem que *era* ele o tal homem, não sobreviveria a tempo de ser ouvido numa audição formal.

Como tal, esgueirara-se ainda de madrugada, deixando tanta distân-

cia entre si e Dunberry quanto possível, antes que as pessoas começassem a despertar.

Já não se enquadrava na melodia daquela povoação. Tornara-se obscura, lancinante, acre.

Era assim que ouvia os lugares e as pessoas. Eram melodias, harmonias, canções que se encaixavam e que transmitiam à povoação uma determinada textura e um determinado som. Quando se enquadrava num lugar, tornava-se noutra melodia, noutra harmonia. E passava a ser o rufar que estabelecia o ritmo, que marcava o compasso.

Porém, tal já não se passava em Dunberry. Cessara.

O estrondo de uma porta ou de uma persiana sobressaltava-o, fazendo tilintar os tachos e as caçarolas atadas à parte de fora da pesada mochila. Esses sons buliam-lhe com os nervos, que já se encontravam à flor da pele, e o coração batia de tal forma que acrescentava mais um compasso que estava certo podia ser ouvido... pelo que quer que fosse que por ali andasse.

Prendendo o bordão debaixo do braço que segurava a lanterna, envolveu a maçaneta da porta da taberna com os dedos. Virou-se para olhar o espesso nevoeiro que tornara a paisagem habitual num lugar nada natural, sem início nem fim.

Não importava se ali a música não soasse bem. Suplicaria ou negociaria os seus bens para poder sair daquele nevoeiro por algumas horas.

Dando um empurrão à porta, entrou na taberna, tirando o chapéu castanho e deformado enquanto se dirigia ao bar. Os tachos e painéis retiniam a casa passo. Habitualmente, era um som reconfortante, mas quando caminhara para o vilarejo situado no centro dos Outeiros Nebulosos, com a lanterna numa mão e o bastão na outra, a tactear o caminho como um cego... O som habitual parecera demasiado alto naquele mundo pardacento, como se estivesse a atrair algo que não desejava ver.

— Vejam bem o que saiu da terra desolada — disse Shaney, apoiando as mãos no balcão.

— Senhora da Luz — resmoneou Michael entre dentes, pousando o chapéu e a lanterna no balcão. — Já vi nevoeiro denso noutras ocasiões, mas nunca a este ponto. — Encostando o bastão ao balcão, tirou a mochila dos ombros, satisfeito por se livrar do peso.

De seguida, percorreu a taberna vazia com o olhar. Mal conseguia destrinçar as mesas do lado oposto da sala uma vez que Shaney não acendera nenhuma lamparina para além das que se encontravam junto ao bar.

— Está toda a gente abrigada até isto passar? — perguntou, passando a mão numa bochecha hirsuta. Se o negócio estivesse parado e os quartos que Shaney alugava aos viajantes estivessem vazios, quem sabe conseguisse

negociar um banho, ou pelo menos água quente que chegasse para se lavar e fazer a barba, bem como uma cama para pernoitar.

Shaney pousou dois copos de uísque no balcão e pegou numa garrafa. Encheu os dois copos.

Michael olhou para o uísque, ansiando pelo ardor que mitigaria o frio que sentia nos ossos. Ainda assim, abanou a cabeça. — Como estou a contar com comida e cama esta noite, neste momento o uísque é um luxo que não se adequa à minha carteira.

— É oferta da casa — disse Shaney, parecendo tão sombrio quanto o nevoeiro. — E não te faltará cama e um quinhão do que a Patroa estiver a preparar para o jantar.

— É muito generoso da tua parte, Shaney — disse Michael, sabendo que deveria estar agradecido mas sentindo como se o chão tivesse ficado mole sob os seus pés e que um passo em falso o levaria para o fundo.

— Bem, talvez estejas disposto a tocar esta noite. Posso espalhar a notícia de que estás aqui.

Pegando no copo de uísque, Michael bebeu um trago. — Fico lisonjeado por teres a minha música em tão alta conta, mas esperas mesmo que as pessoas saiam com este tempo para beber um copo e ouvir uns acordes?

— Virão tocar algumas músicas contigo.

Sentiu um arrepio pelas costas acima. *Neste lugar, a melodia está errada, Michael, meu rapaz. Vê lá se te esqueces disso ou do que és e baixas a guarda.*

Recentemente, tinham passado dezassete anos desde a primeira vez que chegara aos Outeiros Nebulosos e, nessa altura, já andava na estrada há quase um ano a sustentar-se. Ao longo dos anos que desde então decorreram, acabara por depender deste lugar como um sítio acolhedor e seguro para ficar. Se as pessoas se apercebessem do que era, os Outeiros Nebulosos deixariam de ser tão seguros – ou tão acolhedores.

Shaney bebeu o uísque de um trago, tirou um pano de baixo do balcão e começou a polir a madeira. — Lembras-te da velha Bridie?

Michael passou um dedo pela borda do copo. — Lembro-me. Fumava um cachimbo, a gargalhada dela fazia o sol brilhar e, até com aquela idade, conseguia dar um bailinho a qualquer homem.

— Aquele cachimbo — murmurou Shaney, sorrindo. — As folhas para aquele cachimbo nunca se acabavam. Quando ia dar a última passa, aparecia sempre alguém, ou acontecia alguma coisa, para lhe providenciar um novo abastecimento de folhas. Perguntavam-lhe se tinha algum amuleto escondido pois, mesmo quando se davam acontecimentos horríveis, algo de bom daí advinha. E ela respondia invariavelmente que pelo mun-

do fluíam correntes de fortuna e que um coração despreocupado e o riso traziam-lhe toda a sorte de que precisava.

Entre eles fez-se silêncio, embora não fosse a habitual pausa descontráida para respirar que sucedia quando nenhum dos dois lhe apetecia falar.

Por fim, Shaney disse: — Quando chegaste aos Outeiros Nebulosos pela primeira vez, a Bridie viu-te, ouviu-te tocar. Depois de te fazeres à estrada, puxou o meu pai à parte e disse-lhe para tomar conta de ti sempre que viesses à nossa aldeia. Dizia que tinha um pressentimento de que a poríamos na terra até à Primavera e, embora tivesse a certeza de que não estavas disposto a abandonar a tua vida nómada e assentar arraiais, eras a melhor hipótese que os Outeiros Nebulosos tinham para manter um amuleto assim que ela partisse. E é por isso que alguns de nós sempre soubemos o que és – tal como sabíamos o que ela era.

Michael deglutiou o resto do uísque, desejando que líquido pudesse apaziguar o desespero que crescia dentro dele. Sinceramente, não desejava sair para aquele nevoeiro, mas também não queria acabar acusado de algo que não cometera e morrer à mercê de uma turba. — Então vou fazer-me ao caminho.

Shaney atirou o pano para cima do balcão e fitou Michael com um ar incrédulo e, em igual medida, aborrecido. — Ora, ora, mas o que foi que eu disse que levou esse cérebro de ervilha pensar que te queríamos ver pelas costas? E o que te leva a ter-me em tão baixa conta que pensas que poderia pedir a um homem que regressasse àquele nevoeiro em que se poderia perder estando ainda ao alcance da porta?

Michael nada disse, surpreendido pelo extremo e tosco consolo que sentia face ao aborrecimento de Shaney.

— Não posso mudar o que sou — disse, em voz baixa.

— Ninguém te está a pedir que o faças. — Shaney esfregou a cabeça com os dedos, alisando depois o cabelo para trás e suspirando. — Há poucos dias, algo terrível passou pelos Outeiros Nebulosos. Toda a povoação passou uma noite muito má. Crianças a acordarem aos berros com pesadelos. Bebés demasiados pequenos para dizerem o que lhes preparara um susto que os deixara em prantos durante horas. E os restantes... É uma sensação estranha, a de um medo antigo a chegar e a sufocar-nos, a ponto de acordarmos com o coração aos pulos e sem saber bem onde estamos. Foi uma noite difícil, Michael, e na manhã seguinte... — Olhou para as janelas encobertas pelo nevoeiro.

Michael contemplou as janelas antes de se voltar para Shaney. — Tem estado este nevoeiro há vários *dias*?

— Nos primeiros dois dias, as pessoas dedicaram-se aos seus afaze-

res da melhor forma que conseguiram, tratando unicamente do necessário, certos de que o nevoeiro se dissiparia e que se tornaria naquilo a que estamos habituados. A Patroa e eu ainda reunimos aqui o povo naquela primeira noite. Fizemos uma grande festa, com música e dança, enquanto tentávamos afastar os pesadelos da noite anterior. Mas o nevoeiro não levantou. Até agora, não levantou. E eu estou cá a pensar que este nevoeiro é mais do que simples nevoeiro e se as forças do mal usaram algum tipo de... magia... para o criar, será necessário outro tipo de magia para que tudo volte ao que era.

Os dois homens estudaram-se mutuamente. Depois, Michael apoiou as mãos no balcão e cerrou os olhos.

Não tinha palavras para o que pressentia, para o que conseguia sentir. Contudo, o *som* que invadia a sua mente rangia, chiava, patinhava, exsudava, rasgava. O som de veneno. O som de feridas antigas, memórias dolorosas, medos profundamente enterrados.

Seguidamente, imaginou a sua própria música a invadir a Taberna de Shaney, as animadas notas da flauta a brilharem na noite como centelhas de raios de sol. Uma convicção estremeceu dentro dele. A sua música alteraria o equilíbrio a ponto de levar as pessoas daquele lugar a conseguirem sarar os Outeiros Nebulosos. Era capaz de restabelecer a cadência. Fixar o ritmo. Restaurar o equilíbrio a ponto de se enquadrar.

Abriu os olhos e olhou para Shaney. — Espalha a notícia e eu trato da música.

Shaney espalhou a palavra e as pessoas reuniram-se. Não viera ninguém das quintas isoladas, era certo, mas as famílias que viviam perto da taberna e que tiveram coragem de atravessar o nevoeiro trouxeram pratos cobertos para partilhar e crianças a reboque. E assim, Michael ouviu os mexericos e deu conta das novidades das outras povoações por onde passara no seu périplo errante. Comeu um pouco de tudo para que nenhuma senhora ficasse ofendida e fingiu não reparar nos olhares especulativos de algumas raparigas. Estava acostumado a tais olhares. Como era um homem saudável e em boa forma física, que raramente permanecia mais do que alguns dias num lugar, alguns tipos de mulheres olhavam-no frequentemente como se fosse um prato apetitoso, disponível em poucas ocasiões ao longo do ano, o que aumentava a atracção e havia também algumas jovens viúvas dispostas a oferecerem-lhe mais do que unicamente alojamento quando visitava as povoações onde habitavam.

Embora a maior parte do tempo parecesse um vagabundo maltrapilho, sempre que podia vestia-se a preceito e os olhos azuis esfumados e o cabelo castanho que andava sempre um pouco desgrenhado, acompanha-

vam um rosto que era belo ao ponto de atrair as mulheres, mas não tão belo ao ponto de deixar as pessoas apreensivas.

Até descobrirem o que Michael era.

À medida que o ritmo do grupo reunido mudava de bisbilhotices e comida para esperanças tácitas e expectativas, Michael pegou na flauta, acenou aos outros homens que tinham trazido instrumentos e gesticulou para que as crianças desocupassem o pequeno espaço reservado aos músicos.

Michael cerrou os olhos e deixou-se levar pela sensação da sala. Ah. Lá estava a estranha impressão que sentia, por vezes, quando tentava alterar deliberadamente a sensação de um espaço. Uma *presença*, como uma criança demasiado tímida para surgir onde pudessem reparar nela, mas igualmente intrigada pelos objectos e pelas pessoas em seu redor para se ir embora. Era mais do que isso. Esta criança selvagem, como Michael a considerava, estava intrigada por *ele*. Tinha a sensação de que conseguia ouvir a música do *seu* coração, tal como ele conseguia ouvir a música de outros corações, e era *isso* que lhe espicaçava a curiosidade a ponto de surgir onde estava reunida tanta gente. Não importava o motivo. O que importava era que, quando sentia a presença da criança selvagem, por vezes conseguia concretizar mais do que um pouco de sorte ou de azar dirigido a determinada pessoa.

Levando a flauta aos lábios, deixou que as primeiras notas flutuassem pelo ar, suaves e agrídoces... e esperançosas. Aos poucos, as conversas foram cessando – ou talvez já não as conseguisse ouvir. O rabequista juntou-se a ele, lento e tranqüilo.

Nada mais havia para além da música, e Michael não tocava para as pessoas presentes na sala. Ainda não. Esta música destinava-se à criança selvagem. Para a interessar, captar-lhe a atenção. Prender-lhe o coração.

Ainda de olhos fechados, passou suavemente para a melodia seguinte. Mais enérgica. A percussão juntou-se à rabeça e à flauta. Uma centelha de notas a ser levada para a noite, dançando na bruma, reluzindo com a energia e o ânimo das pessoas como o orvalho desliza pela teia quando é tocado pelos raios de sol matinais.

Sim, pensou ao abrir os olhos e observar os dançarinos, eram boas pessoas que acolhiam a Luz e que mereciam essa Luz.

Os músicos revezavam-se, tomando os lugares que lhes cabiam nalgumas músicas, para depois darem lugar a outros. Quando lhe deram um empurrão dizendo que era a vez dele na pista de dança, ignorou os convites ousados e tácitos – especialmente vindos de Doreen, empregada de Shaney, que o fazia sempre pensar no destino de um rato aprisionado sob a pata de um gato – e escolheu uma rapariga que tinha idade suficiente para se sentir

lisonjeada por ter sido escolhida para seu par e jovem a ponto de não esperar que Michael se tornasse noutra tipo de parceiro.

Não é que Michael não desejasse agarrar uma mulher e beijá-la sofregamente. A música era sensual. A energia também. E ele desejava com uma carência que lhe corroía os ossos.

Contudo, o objecto do seu anseio não se encontrava presente, por isso entregou-se à música.

A comida foi requentada. As pessoas afastaram-se para os cantos mais afastados da música de modo a conseguirem falar. Shaney abriu alguns dos quartos do andar de cima, onde as crianças foram aconchegadas nas camas, aninhando-se como cachorrinhos.

Michael falou. Dançou. Comeu. Tocou. E na sua mente e no seu coração manteve constantemente a imagem das notas musicais a cintilarem na noite.

■

À medida que a sua mente se erguia até ao lugar de transição em que ainda não se passara ao estado desperto, mas em que também já não se estava a dormir, Glorianna sonhou com música. Popular, mas nada como ouvira antes. Era um som ligeiramente diferente do tambor e do violino – pelo menos, julgava que era um violino. Porém, foram as animadas notas da flauta que a fizeram sorrir, que lhe provocaram estremeções nos pés como se quisessem dançar, e o tambor aqueceu-lhe o sangue até o coração bater ao mesmo ritmo.

A música desvaneceu-se, como se alguém tivesse fechado a porta e ficou na rua, rodeada por um nevoeiro tão pesado como um leve cobertor. Não ficou surpreendida quando os braços dele a rodearam, puxando-a para junto do calor do seu peito. Foi então...

Glorianna ouviu o tambor na cadência do coração do homem, no fôlego escutou o anelo demorado do violino. Percebeu que as animadas notas da flauta estariam contidas na voz, na gargalhada daquele homem.

— A música vive dentro de ti — disse Glorianna. — Consigo ouvir a música dentro de ti.

Um sorriso, o curvar dos lábios de encontro à face de Glorianna, foi a singela resposta.

■

Horas mais tarde, com o corpo, a mente e o coração exauridos, Michael baixou a flauta e olhou para os homens afundados nas cadeiras à volta dele. — Bom, rapazes, parece que por hoje é tudo.

Um dos homens olhou para as pessoas adormecidas às mesas e sorriu abertamente. — Parece que sim.

Precisando de ar fresco, Michael ziguezagueou entre as mesas até alcançar a porta da taberna e abriu-a com um empurrão.

— Senhora da Luz — murmurou Shaney por detrás de Michael. — Olha para isto.

Oh, estava a olhar – e ficara pasmado perante o que a luz da aurora revelava. Espessos fios e nós daquele denso nevoeiro amontoavam-se na rua, mas encontravam-se divididos por uma fina neblina – o tipo de neblina que enfraquecia a luz do sol e da qual resultavam arcos-íris.

— Conseguiste, Michael — disse Shaney, pousando a mão no ombro de Michael.

— Fomos todos nós — respondeu. Jamais influenciara tanto um lugar e de forma tão óbvia. Não sabia ao certo o que fazer em relação a isso nem sequer o que pensar.

— Ainda assim, não teríamos conseguido sem ti. És um excelente músico. O melhor que alguma vez vi.

— E não me vais ver nas próximas horas.

— O descanso é bem merecido, e muito mais. Se eu e a Patroa não estivermos por aí quando acordares, serve-te do que encontrares na cozinha; mais tarde, ela faz-te uma refeição como deve ser.

Michael limitou-se a acenar com a cabeça e dirigiu-se às escadas nas traseiras da taberna, directas aos quartos que Shaney alugava. Sentia-se esgotado, oco. Mas era uma sensação agradável que o deixava a ansiar pelo prazer de se estender numa cama com lençóis lavados e de passar o dia a dormir.

Não viu Doreen até chegar ao topo das escadas. Nessa altura, já era demasiado tarde para corrigir o erro táctico de subir para o quarto sozinho.

— Demoraste muito — disse Doreen, sorrindo-lhe de modo que pretendia ser sedutor.

— Está provado que o número de escadas aumenta em proporção directa à quantidade de bebida ingerida ou à quantidade de sono perdido — disse Michael, a brincar.

Doreen encolheu os ombros, nitidamente desinteressada em tudo o resto a não ser no que planeara. — Pensei que, depois de tocares aquela bela música, devias querer companhia. Companhia íntima.

Pensaste mal. Havia uma certa mesquinhice em Doreen. Ocultava-a com êxito, a maior parte do tempo, mas Michael ouvia notas agudas sempre que a mulher se chegava perto dele. Não gostava dela mas, apesar das notas agudas, a mulher *integrara-se* na música dos Outeiros Nebulosos. Contudo, naquele momento, ainda que a desejasse, Michael não traria nada de bom a ambos. Ao menos conseguia ser honesto quanto a isso.

— Agradeço-te a oferta, Doreen, mas estou demasiado cansado para ser boa companhia – ou qualquer outro tipo de companhia.

O sorriso desapareceu. — Achas que és melhor do que eu, não achas? Bem sei que satisfizeste outras mulheres, mas só porque eu sirvo à mesa numa taberna, isso já me faz ser indigna de homens de boa reputação.

Michael estremeceu. Não conseguiu destringir se era devido ao cansaço ou ao outro significado subjacente às palavras de Doreen. Estaria, porventura, demasiado aturdido e cansado para ouvir com clareza, mas a melodia da mulher parecia já não se adequar à povoação. Era *demasiado* aguda, demasiado... obscura. Errada.

— Mas tu não és um homem de boa reputação, pois não, Michael? Não passas de um vagabundo, de um viajante, de um...

A palavra que proferiu atingiu como um golpe no coração.

— O que foi que lhe chamaste?

Michael deu um salto, sobressaltado pela voz nas escadas por detrás dele. Deu um passo ao lado para permitir a passagem a Maeve, chefe dos correios da vila e proprietária da biblioteca pública de Outeiros Nebulosos.

— Músico? — disse Maeve, tocando delicadamente com os dedos na orelha. — Bom, não há necessidade de tanto dramatismo acerca disso. Claro que é músico, rapariga! Estarão os teus ouvidos tão entupidos de cera que não o ouviste tocar a noite toda?

Os olhos de Doreen faiscavam de raiva, mas não respondeu.

Esperta, pensou Michael. Maeve podia ter uma cabeça com escasso cabelo grisalho e um rosto coberto de rugas, mas não havia nada de errado com a inteligência ou a audição daquela mulher. Uma vez que era responsável por adquirir as revistas publicadas na grande cidade, portadoras de novidades acerca das últimas modas do interesse das jovens e de sugestões para a casa que agradavam às recém-casadas, até a mulher mais atrevida compreendia o valor de mostrar respeito a Maeve.

A chefe dos correios abanou a cabeça e suspirou com um ar agravado. — Deixa o rapaz em paz, Doreen, e deixa-o descansar. Qualquer mulher que se preze sabe que um homem tão cansado fica desajeitado no que diz respeito ao romantismo.

Não sabia se era gratidão o que sentia pela forma que Maeve arranjara para o ajudar a esquivar-se, mas não iria deixar escapar a oportunidade.

— Boa-noite, senhoras — disse, passando entre as duas para chegar ao quarto. Assim que entrou, fez o ferrolho deslizar tão silenciosamente quanto possível. Não havia necessidade de insultar Doreen com um acto tão insensato como deixá-la ouvir a porta a trancar. Mas a verdade é que não ficaria descansado se não fechasse o ferrolho, em especial porque a rapariga lhe parecera determinada em possuí-lo.

Não conseguia imaginar o motivo. Doreen gostava dos homens pelo que podia obter deles e Michael não tinha muito a oferecer em termos de materiais a uma mulher. Desconfiado quanto ao interesse de Doreen, encontrara sempre uma desculpa para não ser um dos seus homens – e agora iria pagar por isso. Mesmo que Shaney e Maeve o apoiassem, ainda assim iria pagar, mais cedo ou mais tarde.

Dirigiu-se ao lavatório, pretendendo enxaguar um pouco do cansaço e do pó da cara. Mas acabou a olhar para o espelho por cima da cómoda.

Tinha vinte e oito anos. Os últimos doze anos não tinham sido fáceis. Tinha saudades da irmã, Caitlin, e do amigo Nathan. Chegava até a ter saudades da tia Brighid, de quando em vez. Tinha saudades de ter uma casa e raízes, ainda que não tivesse experimentado tais sentimentos quando vivera na Colina do Corvo. Porém, a sua presença permanente teria tornado a situação muito complicada para a família. Brighid fora Senhora da Luz e, por isso, ainda inspirava respeito, mas de Caitlin Marie corriam rumores de que era invulgar, estranha... corrompida. Uma menina que descobrira o jardim murado, escondido algures na colina por detrás da casa de campo da família. Caitlin nunca receberia aquilo com que grande parte das jovens raparigas sonhava: um lar, um marido, filhos, e o coração de Michael sofria por ela.

Até descobrirem a ligação de Caitlin ao jardim escondido, era Michael que os aldeões não queriam ver por perto dado que possuía um dom que ninguém compreendia. Mas todos sabiam do que era capaz tal poder e o que era a pessoa que o detinha.

Um portador de boa-sorte. Um causador de infortúnios.

Um Mágico.

Maeve não tinha problemas de audição. E não havia nada a fazer para dobrar a língua viperina de Doreen. Não importavam as tentativas de Maeve para atenuar as intrigas. O mal seria feito. Quando terminasse o próximo dia de mercado, toda a população de Outeiros Nebulosos saberia que Michael era Mágico.

Alguns iriam odiá-lo por isso e iriam passar a culpá-lo por todos os sarilhos que viessem a acontecer-lhes. E, na verdade, Michael merecia parte dessa culpa. No entanto, ouvira falar de Mágicos que tinham sido mortos noutras partes de Elandar por ser tão fácil atirar-lhes com as culpas.

Assim sendo, deixaria a povoação de Outeiros Nebulosos enquanto as pessoas ainda o tinham em elevada consideração. De qualquer forma, precisava de regressar à Colina do Corvo, precisava de falar urgentemente com a tia.

Por causa dos sonhos. Por causa *dela*.

Essa era a verdadeira razão pela qual não seria de grande utilidade a

Doreen, ainda que estivesse disposto a tal. Não desejava outra mulher desde que começara a sonhar com ela.

Cabelo comprido e negro. Olhos verdes. Um rosto belo que nunca vira fisicamente. Contudo, era capaz de senti-la nos seus braços, sentir o odor que dela emanava, saborear-lhe o ardor. Ouvir-lhe a música do coração.

Era isso, mais do que tudo, que o seduzia. Conseguia ouvir a música do coração dessa mulher. E fazia-o ansiar por coisas que não conseguia exprimir por palavras, à excepção de uma: *lar*.

Noite após noite, ela preenchia-o de anseios que julgava capazes de o matar caso não os satisfizesse com celeridade. E havia sempre alguém ou algo a segredar-lhe ao ouvido: “Aqui está o que procuravas. Aqui está *quem* procuravas”.

Negar, opor-se, rejeitar durante todos os momentos despertos. Não importava. Sem saber como, apaixonara-se pela mulher que o visitava em sonhos – uma mulher que nunca conhecera e que nem sequer sabia com certeza se era real.

A tia era a única pessoa que conhecia cuja formação poderia facultar-lhe uma resposta quanto à natureza de tais sonhos, por isso ia regressar à Colina do Corvo.

Despiu-se até ficar apenas de ceroulas, deitou-se e adormeceu em poucos minutos. Não sonhou com a tal mulher; sonhou com a tia. Estava à porta da casa da família, com duas plantas nas mãos.

Uma chamava-se esperança do coração. A outra, beladona.



CAPÍTULO QUATRO

O **Ente** encontrou o caminho para o mar. Tomando a forma do cavalheiro elegante de meia-idade que o servira impecavelmente noutros lugares, o Ente passou alguns dias a caçar pelas docas e vielas do porto de mar. Para seu deleite, os brutais assassínios acalentaram as sementes da desconfiança e do medo que surgiam sempre que os humanos se deparavam com alguém que não era exactamente igual aos demais. Era extremamente fácil caçar e deleitar-se nos sentimentos obscuros moldados pelo terror – para depois tornar-se no murmúrio por detrás da multidão, garantindo às pessoas que qualquer um que não fizesse parte do grupo *só podia* ser malvado.

Era tão fácil. Mas não tão fácil como o Ente esperara. Existia um firme alicerce a envolver as docas deste porto – um coração e uma vontade através dos quais Efémera manifestava as emoções e os desejos de outros corações humanos.

Mas que rocha, que coração? O Ente aniquilara grande parte das inimigas menores, as fêmeas a que chamavam Paisagistas e os machos denominados Construtores de Pontes. Por meio das criaturas que lhe pertenciam, controlava o colégio onde os inimigos se tinham reunido, tornando esse lugar numas das paisagens do Ente. Presentemente, as poucas Paisagistas que tinham conseguido sobreviver estavam contidas nas paisagens para as quais tinham fugido, deixando vulneráveis à influência do Ente as restantes paisagens que tinham sob sua protecção.

Contudo, este alicerce não tinha o eco de uma inimiga menor. E não transmitia a sensação da Verdadeira Inimiga, aquela a quem chamavam Belladonna. Era algo *distinto*, algo diferente.

Um novo tipo de Inimigo.

O Ente já tocara o eco deste Inimigo noutros dois lugares desta parte do mundo. Reconhecer-lhe-ia o coração caso se deparasse com a ressonância noutro lugar.

Porém, se o *Ente* conseguia reconhecer o Inimigo, conseguiria o Inimigo reconhecer o *Ente*, encontrá-lo?

À medida que esse pensamento tomou forma e ganhou força, o Ente perdeu o prazer na caçada. Não queria ser encontrado até estar preparado

– até conseguir destruir o Lugar de Luz que a Verdadeira Inimiga ainda não escondera nas suas paisagens.

O Ente deixou o porto e deslizou com perseverança para norte, uma sombra sob as ondas. Quando queria alimentar-se, metamorfoseava-se numa forma pertencente aos mares, aumentando o tamanho de modo a poder caçar as criaturas que surgissem.

A determinada altura, o Ente parou numa vila piscatória, faminto por mais do que o alimento que encontrava no mar. Deslizando sorrateiramente para as mentes humanas entre o crepúsculo dos sonhos quase despertos, encontrou um medo que correspondia à sua forma marinha. Um medo diminuto, um medo seguro que mais não produzia do que um calafrio delicioso. Porquanto o objecto receado não passava de uma história, algo que se acreditava não ser real.

Satisfeito face à descoberta, no dia seguinte o Ente seguiu os barcos de pesca, causando pouco mais do que ondulações de inquietação enquanto deslizava em redor e por baixo das embarcações. Contudo, também conduzia cardumes para as redes, de modo que a inquietação que poderia afastar os pescadores daquele ponto fosse absorvida pela excitação que sentiam ao arrastarem aquelas boas pescarias.

O Ente observou os barcos de pesca a regressarem à vila no final do dia, sentiu o avolumar de felicidade nos corações dos homens – e a esperança de que a pescaria fosse igualmente próspera no dia seguinte.

A pescaria seria próspera. Mas não para eles. Enquanto a esperança e a felicidade dos pescadores e das famílias alimentavam as correntes de Luz, o Devorador do Mundo flutuava no mar – aguardando.

Na manhã seguinte, dez barcos de pesca fizeram-se ao mar. Foram cinco os que regressaram.

Pais, filhos, irmãos. Mortos.

Os mais velhos disseram que deviam ter desconfiado que havia algo de errado, uma vez que os peixes praticamente saltavam para os barcos, parecendo querer fugir a algum perigo escondido nas águas. Todavia, ninguém imaginara que algo saído de lendas antigas ganhasse vida. Ninguém pensara no terror que invadiria o coração de um homem ao ver tentáculos tão grossos como mastros e com o dobro do tamanho a erguerem-se da água e a esmagarem um barco em pedacinhos. Ninguém considerara a angústia de ouvir um amigo aos gritos, envolvido num daqueles tentáculos, a perder a vida ao ser esmagado. Ou, pior ainda, ouvir os ossos a partir antes de um homem ser atirado ao mar, demasiado ferido para se manter à tona por muito tempo ou até para nadar até outra embarcação, mas também demasiado perto dos tentáculos para que alguém arriscasse salvá-lo.

Pois de cada vez que tinham tentado salvar um homem, perdia-se mais outro barco.

Assim, os sobreviventes navegaram de regresso à vila, cientes de que estavam a abandonar homens à sua sorte. E a dor desse acto, a vergonha que o acompanhava, manchou-lhes os corações com tanta mágoa que as trevas do seu pesar penetraram nos alicerces que protegiam a vila, tudo maculando até ao ponto em que bastava um homem pensar na possibilidade de infortúnios para que acontecessem realmente.



CAPÍTULO CINCO

Merrill tateou a bracelete em prata no pulso enquanto fitava a pedra que formava uma bacia natural e rasa. Todas as manhãs, as Irmãs enchiam a bacia de água para os pássaros. Brighid, que fora quem as liderara até as ter abandonado há dezasseis anos, encontrara a pedra e concebera este cantinho de meditação em redor dela.

Contudo, esta manhã, Merrill não viera meditar. Viera para que o coração falasse à Luz tão eloquentemente quanto conseguisse. Precisava de ajuda. Precisavam *todos* de ajuda.

Ajudai-me a encontrar uma forma de proteger a Luz. Por favor, ajudai-me a encontrar uma forma.

Retirando a bracelete do pulso, colocou-a na bacia rasa. Como tinha sido oferta de Brighid, estimava-a mais do que qualquer outro bem. Abdicar dela parecia ser um sacrifício digno do auxílio que buscava.

Ainda que não acreditasse com convicção que as suas preces ou uma bracelete pudessem fazer alguma diferença.

Afastando-se da bacia antes que mudasse de ideias e reouvesse a bracelete, regressou ao terraço que dava para os jardins nas traseiras do solar desgarrado do Refúgio da Luz. Há quarenta anos que vivia neste solar e caminhava nestes jardins. Nascera ali, na Ilha Alva, passara os primeiros anos de vida em Atwater, a vila do porto de mar que servia de portão para o resto do mundo. Um dia depois de completar dez anos, o pai levou-a para o Refúgio da Luz, deixando-a aos cuidados das Irmãs da Luz, na esperança de que se tornasse numa delas.

Desde então, não vivera em mais nenhum lugar, não conhecera outro sítio. Raramente viajara para lá dos limites do Refúgio da Luz ao longo de todos os anos que passaram desde que aquela menina estivera ao portão das visitas e sentira o coração elevar-se ao ouvir as vozes das mulheres num cântico ritual. Não lamentava a inocência que advinha da ausência de experiência mundana. Não ignorava completamente o que existia para lá da costa desta ilha – o mundo roçagava a Ilha Alva com frequência – embora nada a chegasse a tocar, pelo que o seu coração permanecia um receptáculo imaculado para albergar a Luz.

Presentemente, interrogava-se se tal desconhecimento poderia vir a representar a condenação de todos e de tudo o que estimava.

— Como os jardins não te trazem sossego — disse uma voz por detrás dela —, porventura dar-te-ão respostas?

Merrill virou-se para encarar a sua melhor amiga. Shaela não falava da sua vida antes de chegar ao Refúgio da Luz, nunca revelara o que impedira uma rapariga no auge da sua feminilidade a roubar um barco e a tentar atravessar o estreito que separava a Ilha Alva de Elandar. Nunca revelara o que causara a cegueira da vista esquerda ou a ligeira paralisia do lado esquerdo do rosto ou até a perna manca.

O corpo de Shaela tinha cicatrizes que os anos foram atenuando, mas que não apagaram por completo. E as cicatrizes que tinha no coração jamais desapareceriam.

Por tudo isso, havia sempre um vestígio de Escuridão dentro de Shaela, mas era esse vestígio que a fazia dar valor à Luz ainda mais do que as Irmãs que nunca tinham sido tocadas pelo mal.

— Sinto o fresco do Inverno — disse Merrill, virando-se de novo para o jardim. — Temo os dias frios e as longas noites que se avizinham pois não consigo deixar de pensar se voltaremos a ver a Primavera.

Shaela suspirou de modo arreliado. — Tens andado a ruminar nisto há mais de um mês. Consultaste vezes sem conta os arquivos antigos e não encontraste nada.

— Encontrei as lendas antigas. Corroboram o aviso que ouvimos.

— Que o Aniquilador da Luz, a Fonte de Todo o Mal, regressou? Tens-te consumido simplesmente por que uma voz – a voz de um *homem* – te falou num sonho.

— Um aviso — insistiu Merrill. — E um enigma. — Envolveu-se com os próprios braços, acrescentando baixinho: — E não fomos as únicas a ouvir a advertência.

— Será que podemos confiar na Brighid? — perguntou Shaela, também em voz baixa.

— Era Irmã. Ainda é Irmã, ainda que não viva connosco desde... — Sentiu a mágoa a brotar, tão incisiva quanto o fora há dezasseis anos, quando ajudara Brighid a fazer a mala e abandonar o Refúgio da Luz em resposta à súplica desesperada por parte de um rapaz que lhe pedia ajuda.

— Desde que a irmã dela, Maureen, ensandecida e com o coração destroçado, entrou no mar — disse Shaela.

— Sim.

Brighid caminhara na Luz, como um farol cintilante. Contudo, Maureen fora sempre um pouco estouvada, mesmo em criança. Ao invés de

assentar com o seu homem quando se tornara esposa e mãe, ficou cada vez mais estranha, mais alterada – até que, por fim, algo se estilhaçou no seu interior, a tal ponto que optou pelas profundezas do mar em detrimento dos próprios filhos, deixando a Brighid a tarefa de criar duas crianças que albergavam algum sangue Obscuro, pelo que possuíam capacidades nada naturais capazes de concretizar coisas.

— A esperança do coração reside em beladona — disse Merrill. — Foi o que a voz disse.

— Beladona é veneno — respondeu Shaela. — Que esperança poderá residir em algo enraizado na Escuridão?

— Não sei, mas só consigo pensar numa única forma de descobrir.

Shaela permaneceu calada durante muito tempo. Até que tocou delicadamente no ombro de Merrill. — Escrever a Brighid ainda vá. Mas se fores à Colina do Corvo, abrirás velhas feridas que ficarão em carne viva.

— Eu sei. — Esse pensamento deixava-a angustiada. — Mas se este perigo for real, não há mais ninguém em quem confie ao ponto de pedir este tipo de auxílio.

— Quando pensas partir?

— Amanhã de manhã sai um barco de Atwater. O comandante aceitou levar-me até à Colina do Corvo.

— Não estás preparada para enfrentar o mundo exterior.

— Far-me-ei acompanhar por dois homens da aldeia. Julgo que têm bastante experiência de vida.

Shaela suspirou. — É melhor ir tratar das malas de ambas. Não será uma longa viagem pelo mar, mas ainda assim, não irás pensar sequer em metade do que irás precisar.

Uma mistura singular de alarme e de alívio invadiu Merrill. — Não tens de sair da Ilha Alva.

Shaela falou devagar, como se estivesse a escolher criteriosamente cada palavra. — É melhor acompanhar-te nesta viagem. Sim, julgo que é melhor.

Merrill fitou a amiga. — Acreditas na advertência, não acreditas?

Shaela hesitou. — Não, não acreditei. Não *acreditei* – até me informares da tua partida. Foi então que comecei a imaginar-te a viajar pelo mar, e tive um mau pressentimento. A Luz dentro de ti será um farol na escuridão. Se partires, *tens* de ser bem-sucedida – e tens de regressar ou tudo estará perdido. Não consigo afastar a sensação de que algo te impedirá de regressar, a menos que eu te acompanhe.

— Está algo para chegar — segredou Merrill.

— Pois está.

— Algo capaz de destruir a Ilha Alva.

— Sim.

Merrill encolheu os ombros. — Assim sendo, encetemos esta viagem
– na esperança de que a resposta a este enigma baste para salvar a Luz.



CAPÍTULO SEIS

Merrill contemplava a linha da costa enquanto os marinheiros levavam a embarcação para o abrigo da Enseada da Amada. Uma designação fora do vulgar para uma povoação de gente tão pragmática, mas dizia-se que o primeiro homem que ali se tinha instalado adorava a sua bela esposa. Receando que os demónios marinhos se enamorassem dela e tentassem atraí-la para as profundezas quando caminhasse na praia, nunca a chamava pelo nome quando estavam junto ao mar, apenas a chamava minha amada. Sempre minha amada.

E era também a sua amada, dizia-se, que tinha uma ligação insólita à terra e que criara o lugar secreto onde Merrill julgava que poderiam encontrar aquilo de que precisavam.

— Ainda vamos a tempo — disse Shaela, aproximando-se e parando ao lado de Merrill. — Ainda podemos voltar, encontrar outra forma.

— Não podemos voltar atrás — retorquiu Merrill. — Além disso, é demasiado tarde — já o era antes de pormos os pés neste barco. O tempo está a esgotar-se. Sinto-o. Se ali não encontrarmos o que buscamos...

O que acontecerá?, perguntou-se. Nada? Tudo? Seremos libertadas pelo falhanço ou condenadas por não termos conseguido encontrar a resposta que seria a nossa salvação? E como saberei distinguir?

— Ficarei feliz quando pisarmos terra firme — disse Shaela. — Quanto mais viajamos para sul, mais apreensiva fico.

— Eu sei — murmurou Merrill. — Sinto o mesmo. Como se algo soubesse que estamos cá fora. — *Como se a água estivesse manchada de maldade. Não está aqui, ainda não, mas aproxima-se. Sempre que entro naquele lugar tranquilo onde a Luz no meu interior reside, basta pensar no mar e a Luz atenua-se. Trata-se, certamente, de um aviso.*

— Como vamos chegar tão cedo ao porto, temos o dia todo — disse Shaela. — Se a rapariga for rápida a facultar-nos o que precisamos, poderemos regressar a casa com a maré, ao início da noite. — Olhou de lado para Merrill. — A menos que queiras pernoitar aqui.

— Não seremos bem-vindas como hóspedes — retrucou Merrill, a rispidez revelando a mágoa contida naquela verdade.

— Não — disse Shaela, serenamente —, não seremos bem-vindas. Iremos magoar as duas com a nossa presença. — Levantou o pulso esquerdo de Merrill. — Talvez devesse ter oferecido a bracelete ao invés de a deixares numa pedra para que um corvo a apanhe e a leve para o seu ninho.

— Pareceu-me ser a atitude mais acertada — disse Merrill, tão perturbada pelo impulso de deixar a bracelete como oferenda a... algo... como se sentira na altura em que o fizera. Contudo, não seria uma oferta adequada uma vez que Brighid a oferecera primeiro a Merrill. Ter-se-ia Shaela esquecido? Ou não se teria apercebido do significado de uma oferenda em que prescindia de uma lembrança de uma amiga do coração, representando o corte definitivo de uma amizade?

Afastou-se de Shaela, desejando que já estivessem a deixar a tarefa cumprida e que não fosse algo que ainda tivessem de enfrentar.

O barco ancorou a curta distância do promontório meridional a sul da enseada. O promontório setentrional apresentava molhes para navios mercantes e barcos de pesca; o promontório meridional recebia, de má vontade, os visitantes. Sobressaiam cais da terra para que os barcos a remos provenientes das grandes embarcações pudessem desembarcar os passageiros, mas as escadas que ligavam os cais à terra mais acima aproveitavam o que a natureza dava e os tamanhos e alturas diferentes dos degraus eram um suplício para quem tivesse pernas débeis.

Shaela nada disse enquanto subiam as escadas, mas era óbvio que a perna manca não aguentaria o esforço, caso tivessem de subir uma encosta íngreme com a rapariga.

Talvez possa sugerir que fique com Brighid, pensou Merrill, dando o braço a Shaela, numa demonstração de companheirismo – um mudo pedido de desculpas por ter sido ríspida e um amparo discreto enquanto avançavam para as estrebarias onde poderiam alugar um cavalo e uma caleche.

Não dissera ao comandante do navio o motivo daquela visita à Colina do Corvo – ou quem ia visitar – mas todos os homens que zarpavam de Atwater tinham conhecimento de Brighid – e da razão pela qual já não morava na Ilha Alva. Por isso, Merrill não ficou surpreendida quando os homens que as acompanharam até às estrebarias não se ofereceram para seguir com elas.

Depois de pagar, Merrill subiu para a caleche, pegou nas rédeas e certificou-se de que Shaela estava confortavelmente sentada antes de dar ordem ao cavalo para seguir. A casa de campo não ficava a mais do que um quilómetro e meio da vila propriamente dita, aninhada no sopé da colina. Encontrava-se no meio de alguns acres que podiam fornecer à família um considerável meio de subsistência, não fosse o facto de apenas uma rapariga e uma mulher estarem presentes para trabalhar a terra.

Visitara o local duas vezes – uma vez, pouco tempo depois de Brighid se ter instalado naquela casa, e há três anos, quando Brighid, em nome da sobrinha, solicitara que uma Senhora da Luz se deslocasse à Colina do Corvo para testar a rapariga.

Naquele breve encontro, tinha ficado claro que o sonho e a ambição que consumiam a vida de Caitlin Marie passavam por tornar-se Senhora da Luz e viver na Ilha Alva. E fora igualmente óbvio e penoso perceber que existia algo dentro da rapariga que não condizia com tais sonhos e ambições. Algo que não seria acolhido com agrado na Ilha Alva.

A rapariga estava tão conspurcada quanto o irmão. Determinados aspectos advinham da linhagem e jamais poderiam ser apagados.

Guardiã da Luz, purifica os meus pensamentos desses pensamentos cruéis. As crianças não podem ser culpadas pela sua natureza e nunca a usaram para fazer mal. Mas... Não desejaria ver alguém da espécie delas na Ilha Alva.

— Chegámos — disse Shaela, quando avistaram a casa de campo.

À medida que o andamento do cavalo as aproximava do êxito ou do falhanço, Merrill recordou aquelas duas primeiras visitas. Nessa altura, a colina que se agigantava por detrás da casa parecera-lhe ameaçadora, como se bastasse uma palavra de ódio para que a encosta se abatesse sobre as pessoas que viviam à sua sombra. Presentemente, aquela mesma colina pareceu-lhe protectora, como se guardasse algo precioso.

Qual das percepções estaria mais próxima da verdade? Ou teria a tensão da viagem levado a mente a entrar em devaneios?

Quando chegaram, Shaela desceu e prendeu uma corda à brida do cavalo, atando a outra ponta ao poste para amarrar montadas. Enquanto Merrill prendia as rédeas e puxava o travão, reparou num movimento de uma cortina a voltar ao lugar. Logo a seguir, a porta de casa abriu-se e Brighid, com um aspecto mais envelhecido e cansado do que Merrill esperava, saiu para as cumprimentar.

— A que devemos o prazer desta visita? — perguntou Brighid com uma delicadeza fria.

Sabes bem o motivo que nos trouxe aqui. Merrill perscrutou o rosto de Brighid mas não detectou o mínimo vestígio de um acolhimento caloroso. A tristeza que sentia agudizou-se face à necessidade de ali estar. Outrora, tinham sido amigas, irmãs na alegre tarefa de acalentar a Luz. Neste momento, duas crianças, especialmente a rapariga, interpunham-se entre ambas.

— Precisamos da tua ajuda — disse Merrill. A rapariga surgiu subitamente na soleira da porta, com os olhos azuis iluminados pela esperança assim que as avistou. Não, já não era uma rapariga. Já tinha dezoito anos, não tinha? Uma mulher chegada ao auge do seu poder. Fosse ele qual fosse.

Fingindo não ter reparado na esperança, manteve os olhos em Brigid. — Precisamos da ajuda da Caitlin.

— Para quê? — perguntou Brigid, desconfiada.

Muito bem. Brigid ia persistir em guardar ressentimentos, não iria ceder nem sequer neste momento.

— Precisamos de duas plantas para um... círculo de... oração. Não crescem na Ilha Alva. Julgámos que Caitlin, com as suas capacidades, pudesse obtê-las.

A esperança extinguiu-se nos olhos de Caitlin, sendo substituída por rancor. — Com que então as Senhoras da Luz precisam da ajuda de uma feiticeira.

— Essa não é uma palavra para se bradar aos quatro ventos — disse Shaela ríspidamente.

— Talvez não — retrucou Caitlin, com igual rispidez —, mas quero que *ela* a diga. É tão boa a dizer a verdade, deixem-na dizê-la agora.

— Tenho nome — disse Merrill.

Brigid ergueu a mão, silenciando Caitlin antes que a rapariga tivesse oportunidade de responder. — O que pretendem?

Não temos tempo para uma batalha de vontades. Não sentes, Brigid? O mal já vagueia entre nós.

— Esperança do coração – e beladona — respondeu Merrill.

O ligeiro estremecimento do corpo de Brigid deu esperança a Merrill, mas a expressão de Caitlin não mostrou sinais de cedência.

— Essas plantas não crescem nesta região — disse Caitlin, como se essa afirmação acabasse com todas as possibilidades.

— Mas existe um lugar aqui perto onde crescem plantas invulgares — insistiu Merrill. — Posso acompanhar-te e ajudar... .

— *Não és* bem-vinda aqui.

— Caitlin Marie! — Brigid virou-se para a sobrinha. — Compreendo as desilusões que sofreste e o facto de um coração destroçado levar a uma língua afiada, mas nada disso justifica a falta de educação.

— Quer dizer que basta pedirem para conseguirem o que quiserem de mim?

A rapariga e a tia olharam-se fixamente e Merrill teve a sensação inquietante de que o assunto já não era as plantas.

Por fim, Brigid suspirou e levou a mão ao rosto de Caitlin. — Não — disse. — Deves dar às Senhoras o que precisam porque sou *eu* que te peço. E porque se trata de um assunto mais importante do que qualquer pessoa.

Caitlin hesitou até que acenou com a cabeça uma única vez, à laia de assentimento. — Seja, por ti. — Desapareceu para dentro de casa. Pouco tempo depois, todas ouviram a porta das traseiras a bater.

— Viemos numa altura complicada — disse Merrill num tom tranquilizador, conjecturando se iria ficar com Shaela na rua pelo tempo que Caitlin demorasse a obter as plantas ou se Brighid agiria consoante as suas palavras, recordando-se das boas maneiras.

— O esterco tem a sua utilidade, Merrill, mas nunca tem bom cheiro — retorquiu Brighid mordazmente. — Não o espalhes por aqui.

Lá se foram os pezinhos de lã em redor do ponto de discórdia que tinha manchado a amizade entre ambas. Porém, não estava desfeita. Não queria acreditar que estivesse completamente desfeita. Um dia, Brighid poderia voltar à Ilha Alva... e ao Refúgio da Luz. — A rapariga não pertence à Ilha Alva. Mantenho-me firme quanto à decisão que tomei há três anos atrás. Não é uma de nós, Brighid. Nunca será.

Brighid encostou-se à soleira da porta. — Um jovem da aldeia visitou-nos a semana passada. Pediu a Caitlin que o acompanhasse num passeio ao luar — o primeiro a fazê-lo desde que foi considerada “estranha”. Fez-lhe uma proposta.

— Oh. — Merrill sorriu. Um coração destroçado e uma proposta? Sim, isso podia explicar a brusquidão do temperamento de Caitlin. — Bom, geralmente as jovens mulheres ficam enervadas e brigam com os amantes antes do casa...

— Fez-lhe uma proposta que nenhuma mulher com orgulho ou coração poderia aceitar.

— Ah. — O rosto de Merrill enrubesceu de vergonha e, pelo canto do olho, viu Shaela a afastar-se, cabisbaixa, nitidamente incomodada face ao rumo da conversa.

— A tua presença hoje aqui é como sal numa ferida aberta — disse Brighid, com uma voz triste e calma. — Vens pedir favores a quem abandonaste e nada ofereceste em troca.

— Não tenho nada que lhe *possa* oferecer. E tu *sabes* bem o que nos trouxe aqui.

— Sim, sei. Tal como disse quando respondi à tua carta, também eu ouvi a voz num sonho. As palavras são um enigma para o qual não encontrei solução. — Brighid hesitou. — Mas creio que a solução é mais do que uma mera resposta para quem quer que descubra o significado do enigma.

Shaela levantou a cabeça, alerta. — O que pensas que significa?

— Uma porta.

Chegando ao ponto da encosta que decidira anos atrás representar o final do caminho, ainda que o carreiro continuasse a subir e passasse o topo da colina, Caitlin fechou os olhos e enviou o chamamento silencioso: *Estou aqui*.

Quando abriu os olhos, o caminho terminava no jardim murado que a rotulara de feiticeira e que era o seu único amigo e consolo – o jardim murado que não existia para mais ninguém a não ser para ela.

Passando pelo portão ferrugento que não fechava bem, segurou nos braços os dois vasos que levava e examinou os canteiros sem pressa. Não sabia qual era o aspecto da beladona, mas estava certa de que saberia qual seria a sensação da planta.

E lá estava, aninhada no canto do jardim onde nada conseguia crescer bem. A seu lado, um pé de esperança do coração que Caitlin sabia que lá *não* estava alguns dias atrás.

Ajoelhando-se defronte das plantas, pousou os vasos e passou os dedos pelas folhas das plantas.

Há algo aqui. Algo invulgar.

Passou com os dedos pelas folhas, mas teve a sensação de que uma mão calorosa agarrava a dela. Era uma mão acolhedora.

Ela compreende-me.

O pensamento não fazia sentido. Tal como não fazia sentido a certeza de que quase tocara alguém que não estava ali presente.

Recostou-se nos calcanhares e estudou as plantas. A tia Brighid andava estranha, apreensiva. Como se tivesse tido uma premonição de más notícias e esperasse vê-las confirmadas sempre que alguém lhe batia à porta.

Bom, a verdade é que as más notícias *chegavam* sempre, não chegavam?

— Círculo de oração — disse Caitlin entre dentes enquanto tirava uma pá de jardinagem do bolso da saia e desenterrava com cautela a esperança do coração. — Aposto que vai ser um círculo de *oração* muito interessante.

Certamente seria um círculo de oração importante, pensava enquanto acomodava a esperança do coração num dos vasos. Merrill não teria vindo à Colina do Corvo se não fosse importante. Estava certa de que a tia Brighid não estava à espera que Merrill aparecesse, mas Brighid compreendera o *motivo* pelo qual Merrill tinha pedido estas plantas específicas.

Caitlin transferiu a beladona – e tremeu como se tivesse entrado repentinamente numa sombra profunda e gélida.

Era algo importante. *Do qual faço parte.*

Agindo por impulso, soltou a trança do cabelo castanho que lhe dava até à cintura. Arrancou dois cabelos, e enrolou cada um à volta da base de cada um dos caules junto à terra, e acrescentou mais terra para ocultar o que fizera.

Não era bem-vinda no querido Refúgio da Luz, mas fazia parte da cerimónia que as Senhoras da Luz realizassem com as plantas.



Trauteando uma melodia em voga numa das suas paisagens, Glorianna dirigiu-se ao jardim murado, com um cesto de utensílios de jardinagem numa mão e um regador na outra. Quando ela e a mãe, Nádia, se uniram e insistiram para que o irmão Lee tirasse um dia em cada sete para descansar e recuperar, não estava à espera que cedesse com tanta facilidade – e também não estava à espera que os dois se virassem depois para ela e fizessem a mesma exigência! No entanto, tal como Lee, andava a trabalhar em demasia, a abusar. Fora compreensível enquanto pairava a ameaça iminente de o Devorador do Mundo encontrar forma de entrar nas paisagens dela. Afinal, o Ente já *encontrara* forma de penetrar em duas das paisagens obscuras de Glorianna. Todavia, o Ente não dava sinais de vida há semanas e, embora o perigo que Efémera corria não tivesse diminuído, ela ou Lee pouco podiam fazer até encontrarem uma indicação do paradeiro do Ente.

Por isso, o presente dia estava reservado ao lazer e, para Glorianna, lazer significava cuidar da terra, não como Paisagista sempre alerta e ao corrente no que respeitava o equilíbrio das correntes de Luz e Escuridão que fluíam pelas suas paisagens, mas como mulher a levar a cabo a simples tarefa de cuidar das suas plantas e de limpar as ervas daninhas.

Mesmo ali, na sua pequena ilha, estava um calor impróprio – e agradável – para um dia de Outono, por isso vestia um velho par de calças que cortara abaixo do joelho e uma das velhas camisas de algodão de Lee – com as mangas cortadas – que a mãe teria deitado para o cesto de panos velhos não fosse Glorianna tê-la furtado da casa da família depois de decidir que era perfeita para a jardinagem com bom tempo. Os sapatos tinham o salto gasto e em tal mau estado que a meia às riscas espreitava por um buraco à frente e tinha o cabelo preto apanhado sob um chapéu de palha desgastado cujas fitas esvoaçavam com a leve brisa. Nádia chamava-lhe o traje de maria-rapaz, mas o jardim – e a própria Efémera – não se importava se ela estava elegantemente vestida e aperaltada.

Na verdade, ninguém se importava com a forma como ela se vestia ou se estava bonita.

Se alguma vez me apaixonar, dissera uma vez a Lee, será por um homem que me veja vestida desta forma e ainda assim me considere bonita.

Como era óbvio, esse homem teria de tolerar o facto de Glorianna ser uma Paisagista proscrita e de ser temida e ultrajada por todas as outras Paisagistas que protegiam o mundo.

— Se queres romance, rapariga, lê um livro — disse entre dentes, enquanto abria o trinco do portão, dando-lhe um encontrão com a anca de modo a abrir o suficiente para conseguir passar. — Só aí encontrarás um

homem com coragem para ficar ao lado de alguém que consegue controlar Efémera da forma como tu consegues. — Como nenhuma outra Paisagista, nem sequer a mãe, conseguiam controlar.

Parou bruscamente, esquecendo de imediato todos os pensamentos de um dia agradável no jardim e de romances imaginários, no momento em que os seus sentidos foram tocados por algo que a levou a deixar cair o regador e o cesto.

— Guardiões e Guias — sussurrou.

Uma dissonância no jardim. Algo que não pertencia. Algo que não ecoava *nela*.

Tirou o sacho de cabo curto e o ancinho do cesto, objectos que poderia usar como arma. Uma rápida vista de olhos em volta convenceu-a de que não estava nada desordenado nos canteiros mais próximos, pelo que fechou os olhos e estabilizou a respiração. O jardim estendia-se por quase dois acres de terreno, mas representava a segurança e o bem-estar de milhares de pessoas que viviam nas paisagens sob sua protecção. Tinha de localizar a dissonância e extirpar a origem antes que contaminasse tudo o resto.

Apesar da vigilância, teria o Devorador do Mundo encontrado um ponto de fixação numa das paisagens que estavam ligadas a este jardim? Teria o Ente escavado algures, qual erva daninha obscura e malévola, aguardando que Glorianna se aproximasse antes de libertar uma das suas criaturas infernais tencionando destruí-la?

Nesse instante, sentiu Efémera a agitar-se, tentando alinhar-se com as emoções e anseios que fervilhavam dentro de Glorianna. O mundo confiava nela como confiara em poucas desde as primeiras Paisagistas, que ficaram conhecidas como Guias do Coração. Manifestaria a emoções de Glorianna, julgando ser o que ela pretendia – mesmo que isso significasse a criação de um ponto de acesso através do qual o Devorador do Mundo conseguisse entrar.

Tinha de recuperar o controlo. Tinha de *pensar* ao invés de sentir. Tinha de pensar pelos dois, pois esse era o seu propósito; fora por isso que o mundo moldara a sua espécie no início.

Fechando os olhos, concentrou-se na dissonância e, à medida que o choque inicial de que algo pudesse ter invadido o seu jardim se dissipava, detectou um débil vestígio de ansiedade – como um cachorro que apanhara a primeira criaturazita e a trouxera para casa mas não estava a receber os elogios esperados.

Fora *Efémera* que causara aquilo? Porquê?

Abriu os olhos e avançou a passos largos para aquele ponto inquietante. A colocação do objecto, enfiado num espaço vazio do jardim que

estava ligado ao Santuário, fez com que um novo sobressalto de apreensão a percorresse, mas acorrou-se para observar esta “oferenda” espontânea.

Este ponto em particular, fora coberto unicamente com trevos para proteger o solo fértil. De momento, no centro dos trevos, encontrava-se uma pedra que formava uma bacia natural que era suficientemente rasa para que os pássaros pudessem aí beber e chapinhar. Na bacia, quase à superfície da água, encontrava-se uma bracelete de prata com um padrão complexo de nós que se ligavam uns aos outros.

Estendeu a mão, pousando-a na pedra de modo a que os dedos entrassem na água.

Desassossego. Ambivalência. Carência e negação. Emoções poderosas que a atraíam e, simultaneamente, a afastavam.

A pedra não era originária de um lugar obscuro mas sim de um Lugar de Luz. Sentia as correntes de Luz a cantarem na pedra e na água. Estava presente alguma tranquilidade, mas não explicava o motivo pelo qual Efémera criara ali um ponto de acesso a uma paisagem desconhecida, ligada sabia-se lá a que lugar.

Concentra-te, Glorianna. Este acto não foi vão.

Alguém clamara um anseio do coração tão poderoso que produzira esta reacção do mundo, embora o transporte daquela pedra até Glorianna fosse o mais longe que Efémera conseguia levar aquele anseio do coração.

Noutra altura, teria usado aquele ponto de acesso para atravessar até à paisagem desconhecida. Naquele lugar sentiria melhor a carência de que sofria aquele fragmento de Efémera. Embora...

Este Lugar de Luz ecoava nela e, ao mesmo tempo, não ecoava. Estava, de alguma forma, emaranhado, e a razão para tal encontrava-se além da experiência de Glorianna.

As correntes de poder que fluíram de Efémera circundavam-na, ansiosas, impacientes.

Suspirando, Glorianna levantou-se. — Muito bem. Pode ficar. — *Por agora.* — Vamos ver se conseguimos passar o resto do dia sem mais excitações, está bem?

As correntes de poder afastaram-se dela, fazendo-a novamente pensar num cachorrinho que acabara de fazer o contrário do que lhe ordenara. Não era bom sinal.

Não ficou surpreendida por ver Lee a chegar em passo acelerado ao portão do jardim.

— Este devia ser o teu dia de descanso — gritou, indo ao seu encontro.

— Eu sei. Também devia ser o teu.

Estava pálido e parecia perturbado – e a raiva reprimida era bastante forte para produzir um tremeluzir nas correntes de Escuridão da ilha.

— O que se passa? — perguntou Glorianna. — Está tudo bem em casa?

— Está tudo bem. Em casa está tudo bem. — Lee passou os dedos pelo cabelo.

— *Lee.*

— Um quantas Paisagistas e três Construtores de Pontes encontraram o caminho para o Santuário. Estão... furiosos... e são bastante rápidos a atribuir culpas quando...

Glorianna levantou a mão, silenciando Lee. Não era surpresa nenhuma saber que os outros encontrariam uma forma de lhe atribuírem as culpas pela fuga do Devorador do Mundo e pela destruição do Colégio de Paisagistas. Não, não era surpreendente. Ainda assim, sentia-se magoada por a acharem capaz de tal atrocidade.

— Se as paisagens deles estiverem comprometidas...

— Eu sei, Glorianna. Eu *sei*. — Lee desviou o olhar. — Temos de descobrir como chegaram ao Santuário: quais as pontes que foram criadas e em que locais.

— É provável que tenhamos de os impedir de entrar no Santuário de modo a proteger os Lugares de Luz.

— Também sei disso. Mas o Yoshani acha que é melhor deixá-los descansar por um dia, deixar que acalmem um pouco as emoções. Depois, é de opinião que debes falar com eles.

Yoshani era um homem venerável originário de um Lugar de Luz numa paisagem distante. Glorianna tropeçara nessa paisagem aos quinze anos, usara o ponto de acesso que Efémera criara e atravessara para esse lugar distante. Essa escolha salvaguardara-a dos Guias das Trevas e impedira-os de a emparedarem dentro do jardim que lhe fora destinado no colégio. Depois de Glorianna ter reunido os Lugares de Luz e de ter criado o Santuário, Yoshani começou a dividir o tempo entre a sua própria comunidade de Luz e a parte do Santuário que se encontrava mais acessível a visitantes. As pessoas sentiam-se bem junto dele, por isso tornara-se num ouvinte e conselheiro informal dos corações desalentados que chegavam ao Santuário.

Yoshani era uma das poucas pessoas em quem Glorianna confiava sem reservas. Mas...

— Eles não querem falar comigo.

Lee olhou para a irmã, com a fúria a cintilar nos olhos verdes. — Não têm escolha, Belladonna. Os líderes dos Lugares de Luz foram bastante claros em relação a esse assunto. *Todos* eles.

Tens amigos, pensou Glorianna. E tens família. Precisas de guardar estas graças no coração e recordá-las sempre.

— Vais regressar à casa de hóspedes do Santuário? — perguntou Glorianna.

— Preferia não o fazer.

Glorianna compreendia, embora tivesse apreciado a companhia do irmão, mas estava preocupada quanto à dimensão da raiva e rancor de Lee. Por isso, o melhor para ambos era recorrer ao simples estratagema que nunca falhara: tratá-lo como o irmão mais novo que Lee, efectivamente, era. — Trouxeste alguma coisa para comer? Da última vez que aqui estiveste, limpaste a despensa e nem te deste ao trabalho de me avisar.

Lee cruzou os braços e semicerrou os olhos. — Sim, trouxe comida. E *não* limpei a cozinha, só aquele último pedaço de bolo que a mãe tinha feito... e, por falar nisso, deixaste-o ali tanto tempo que já estava duro, por isso não conta.

— Conta, pois.

— Não conta.

— Conta, pois.

— Não... — Lee fulminou-a com o olhar.

— Algum de nós vai ter de cozinhar a comida que trouxeste?

— Temos de a aquecer e cortar o pão e o queijo. *Isso*, até eu consigo fazer, Glorianna.

Contente por ver que Lee estava agora concentrado em agir como um irmão impertinente, sorriu com doçura. — Nesse caso, podes ficar. Queres ser útil e ajudar-me a mondar?

— Nem pensar. — Olhou-a daquele modo que a fazia sempre querer dar-lhe um sopapo. — É o meu dia de descanso. Lembras-te?



CAPÍTULO SETE

Caitlin espetou a forquilha no monte de húmus empilhado num dos cantos do jardim secreto. Arrancam-se as ervas daninhas que atrofiam as flores e formam um emaranhado confuso à volta dos arbustos, deixa-se cozer em lume brando num canto onde o sol, a água e o ar as tornam num estufado putrefacto e, gradualmente, irão tornar-se em barro fértil que alimentará as mesmas flores e arbustos que tentaram usurpar.

Ao menos se a vida dela fosse assim tão simples. Ao menos se o estufado putrefacto das suas emoções pudesse ser transformado em barro fértil.

Trabalhou até ficar com os músculos doídos. Embora o monte de húmus não precisasse de tanta dedicação, a verdade é que não queria tocar no resto do jardim enquanto aquela raiva rancorosa estivesse em ebulição no seu interior. Quando a sede se tornou num suplício, deu mais uma volta ao húmus, encostou a forquilha ao muro do jardim e dirigiu-se ao pequeno lago à sombra do salgueiro. O terreno de um dos lados do lago erguia-se à altura do peito e essa elevação era constituída por uma pilha de rochas e fragmentos de ardósia que criavam um conjunto de pequenas quedas de água. A nascente que desembocava no lago devia começar algures entre as rochas uma vez que não via sinal dela do outro lado do muro do jardim, mas nunca encontrara a origem.

Retirando o púcaro que mantinha entre as rochas, encheu-o sob uma das pequenas quedas de água e bebeu-o até ao fim, uma vez, duas vezes. Ao encher o púcaro pela terceira vez, sentou-se junto ao lago, com uma mão a passar indolentemente pela água enquanto bebericava e olhava à volta do jardim que lhe providenciara uma espécie inusitada de companhia durante grande parte da sua vida.

O lago representara o primeiro exemplo emocionante – e, posteriormente, assustador – do poder que detinha sobre o mundo físico.

Tinha seis anos quando descobriu o jardim escondido na encosta, por detrás da casa de campo da família. Michael acabara de partir pela primeira vez para abraçar a vida errante e ela fugira, destroçada perante o abandono do único amigo e companheiro de brincadeiras. Correr e correr e correr. A tia Brigid tinha-lhe dito que faria amigos assim que começasse a

escola, mas tal não acontecera. As outras meninas faziam troça dela e proferiam crueldades e ela sabia que a professora as ouvia e ficava impassível, encorajando-as com o silêncio. Por isso, não tinha amigos e sem Michael a ajudá-la, a escola era difícil de suportar. E a tia Brighid não quisera admitir que a mesma... coisa... que vivia dentro de Michael e que o afastara da Colina do Corvo, também existia dentro da sobrinha.

A tia defendê-la-ia de tudo e de todos – incluindo as mulheres outrora Irmãs de Brighid na Ilha alva – ainda que, em privado, Brighid nem sempre conseguisse ocultar o arrepio ou a raiva quando via sinais do “dom” de Caitlin e Michael.

Desta feita, tudo o que Caitlin soubera nesse dia resumia-se à diferença que habitava dentro dela e de Michael e que constituía a razão pela qual o irmão tinha partido e por isso, correu, desejando do fundo do seu jovem coração, encontrar alguém, quem quer que fosse, capaz de ser seu amigo.

Tropeçou e acabou estatelada no chão. Quando ergueu a cabeça, deparou-se com um muro em pedra à sua frente e um portão enferrujado e partido.

Tinha encontrado o Jardim da Amada.

Desordenado, tendo crescido sem eira nem beira, precisando desesperadamente de atenção, o jardim chamava-a e, ao percorrê-lo, a dor que sentia no coração amainou. Estava ali algo que precisava dela, que a desejava, que a acolhia calorosamente.

Reparando num pormenor que parecia bonito mas que se encontrava quase enterrado sob as ervas daninhas, arrancou uma erva para ver melhor. De seguida, arrancou outra. E outra. Quando, por fim, limpou um círculo de terra à volta da pequena planta, continuava sem saber de que se tratava, mas já não se sentia tão perdida e sozinha.

Anos mais tarde, descobriu o nome da planta. Esperança do coração.

Voltava frequentemente ao jardim, escapulindo-se da escola logo que possível para correr colina acima até ao lugar secreto. As reprimendas da tia Brighid, bem como a preocupação óbvia em relação a uma criança daquela idade que desaparecia durante horas seguidas, não ofuscavam o fascínio de um lugar onde a luz parecia cintilar de felicidade sempre que Caitlin passava o portão.

A certa altura, uma das raparigas da escola convidou todas as outras para que fossem ver a dispendiosa fonte que o pai instalara no jardim da família. Todas, à excepção de uma.

Tu não, dissera a rapariga. Não quero que tu e o teu mau-olhado se aproximem da nossa fonte.

Caitlin ficara à porta da escola, a tentar reprimir lágrimas de vergonha ao mesmo tempo que era invadida por uma enorme raiva.

— Quem me dera que a tua fonte parecesse tão carcomida quanto o teu coração — sussurrou.

Ao subir até ao jardim secreto, pensava numa fonte e em como seria agradável ter uma.

Quando chegou ao jardim, lá estava – não era uma fonte que se adequasse a um jardim clássico, mas um monte de rochas formando uma série de cascatas que caíam num lago à altura dos joelhos, guardado por um salgueiro jovem.

Nunca tinha visto nada tão belo – e que até ao dia anterior era inexistente. Foi nesse momento que se apercebeu de era capaz de concretizar os desejos que formulava. Ficou entusiasmada, encantada, certa de que fora o melhor que alguma vez lhe acontecera.

Decorrida uma semana, a tia arrastou-a para casa, sentou-a numa cadeira e disse: — O que quer que tenhas feito, Caitlin Marie, quero que desfaças. Já temos a nossa conta de conversas de maus-olhados, para arranjares sarilhos ainda por cima.

Não conseguiu entender até a tia Brighid lhe contar acerca de uma fonte cara que estava arruinada. As plantas aquáticas tinham apodrecido da noite para o dia. Os peixinhos dourados, comprados a um comerciante em Kendall e transportados para a Colina do Corvo a um custo elevado, estavam todos a morrer. E a água fedia como um charco de águas estagnadas, ainda que o empregado limpasse a fonte e substituísse a água vezes sem conta. Pela povoação, corria o receio de doenças devido a tal imundície.

Caitlin chorou e jurou que nada tinha feito de pernicioso, embora suspeitasse ter sido ela a *causadora* da alteração da fonte, e chorou ainda mais quando a tia Brighid gritou com ela. — Para onde iremos se formos expulsas desta casa? É tudo o que temos, e temo-lo por ser a herança do teu pai, o único bem tangível que deixou aos filhos. Se não tivermos isto, não teremos nada, Caitlin. Nada.

E a tia Brighid começou a chorar.

Já vira a tia Brighid chorar lágrimas de alegria e lágrimas de “pequenas tristezas” que caíam de vez em quando dos olhos da mulher mais velha, mas nunca assistira a esta angústia de cortar o coração.

Como tal, nessa noite desejou com todas as suas forças que a fonte no jardim da colega ficasse maravilhosa e limpa e que toda a gente ficasse feliz.

Não aconteceu. Oh, quando voltaram a limpar a fonte, não voltou a ficar pestilenta, mas as plantas e os peixes não singraram e a água não mais voltou a cheirar a limpa. Por fim, foi drenada pela última vez e desde então permanecia vazia.

Depois disso, Caitlin limitou os desejos ao jardim e nunca mais voltou a desejar algo desagradável para os outros. O que era uma atitude difícil

para uma rapariga que não tinha amigos, a quem os professores olhavam com desconfiança, que sabia ser intrusa devido a uma diferença relativamente à qual não tivera opção.

Mantivera o jardim em segredo até Michael voltar a casa pela primeira vez. Ao menos o irmão era como ela. Iria compreender aquele lugar especial.

Contudo, não compreendera. Oh, admirara-o, elogiara o trabalho que a irmã fizera sozinha, mas não sentira nada pelo local.

Ainda assim, tivera a única atitude que a tia Brigid jamais conseguiria ter: aceitara a sintonia invulgar de Caitlin com o mundo. Preocupava-o, e só alguns anos mais tarde Caitlin percebeu que estava preocupado não só por ele, mas também por ela. Os Mágicos, portadores de boa-sorte e causadores de infortúnios com a capacidade de mudar a vida de uma pessoa pelo simples facto de expressarem um desejo, tinham sido expulsos de povoações quando a situação azedava. Alguns tinham sofrido ferimentos; outros chegaram a ser mortos. E nesse lugares... Bom, deixava de ser seguro para *qualquer* pessoa viver nesses sítios.

Aos dez anos, o segredo de Caitlin foi descoberto por dois rapazes que a seguiram um dia depois das aulas. Nunca soube se tencionavam fazer mais do que simplesmente segui-la; nada ouvira enquanto trabalhava no jardim. Só quando saiu pelo portão é que ouviu os gritos de socorro e encontrou os rapazes. Um tinha uma perna presa debaixo de pedras. O outro estava a afundar-se num lodaçal.

Felizmente, acontecera no decorrer de uma das visitas de Michael a casa, que vinha a subir a encosta ao encontro da irmã – talvez para gritar por ela, pois nem Michael era capaz de localizar o Jardim da Amada a menos que Caitlin o acompanhasse, embora, por estranho que parecesse, a voz dele fosse ouvida para lá dos muros do jardim, quando mais nenhum som penetrava.

Assim, enquanto Caitlin estava petrificada, horrorizada face à possibilidade de poder ter feito algo que tivesse levado a colina a criar pedregulhos e lodaçais, Michael chegara.

Um estalido repentino e uma pernada de árvore caiu sobre o lodaçal, por pouco não acertando no rapaz, mas que lhe facultou algo a que se agarrar – e facultando a Michael uma forma simples de puxar o rapaz. O mesmo ramo serviu de alavanca para libertar o outro rapaz dos pedregulhos.

Os rapazes recuperaram das contrariedades, mas nenhum habitante da Colina do Corvo esqueceu a história de que Caitlin fora vista a entrar no Jardim da Amada. Amada, de quem se dizia que fora uma feiticeira sobretudo benevolente e que conseguia sujeitar o mundo à sua vontade. Tinham corrido rumores que diziam que as mulheres da família do pai de Caitlin

conseguiram localizar o jardim algumas vezes, mas ninguém podia assegurar a existência do jardim nos dias que corriam, até Caitlin Marie ter dado com o sítio.

Após o incidente com os rapazes, a tia Brighid começara a falar da Ilha Alva e do Refúgio da Luz, um lugar de paz, de Luz. Quiçá um lugar para uma segunda oportunidade, um novo começo – e, para Brighid, um regresso à vida talhada para ela. Quanto a Caitlin, as histórias da Ilha Alva foram a semente que fez germinar o sonho de amigos e aceitação, de inserção numa comunidade.

Até que as Senhoras da Luz, a pedido da tia Brighid, vieram testá-la de modo a perceber se poderia ser uma delas.

Não era. Jamais poderia vir a ser. Não era bem-vinda naquele fragmento do mundo.

O facto de ter reprovado no teste da Luz não passara despercebido aos habitantes que decidiram o destino de Caitlin, rotulando-a de feiticeira.

E agora...

Voltando a colocar o púcaro no seu devido lugar entre as pedras, Caitlin dirigiu-se ao canteiro que habitualmente lhe transmitia mais bem-estar. Ajoelhando-se, estudou a esperança do coração.

A planta não florescera nos últimos três anos – desde que reprovava no teste da Luz. Oh, estava a sobreviver, ainda que não medrasse, e todos os anos dava rebentos. Mas nada nascia desses botões, dessas ínfimas promessas de esperança. Até naquele momento, numa altura em que a época das colheitas já ia adiantada e as outras plantas já tinham dado flor, estava carregada de botões, como se aguardasse um sinal para desabrochar e esse sinal nunca chegasse.

Tal como eu, pensou Caitlin. Estas são as opções de ocupações que me restam na Colina do Corvo: feiticeira da aldeia ou prostituta da aldeia. Levem-me a dar um passeio ao luar, digam-me quão encantadora sou agora que cresci, digam-me que tenho o cabelo tão sedoso – como uma cortesã numa história. Cortesã! Lá porque não passei muito tempo na escola, não quer dizer que não tenha lido os livros que o Michael trazia das suas viagens, não significa que não conheça uma palavra refinada para designar prostituta.

A dor de uma vida inteira de injúrias e humilhações insignificantes intensificou-se nela até não restar espaço para mais nada. Sem dúvida que existiam muitas pessoas dispostas a servirem-se dela de uma forma ou de outra, mas ninguém a desejava verdadeiramente.

Reprimindo um soluço enquanto recordava aquele jovem ao luar, com um ar tão romântico e a dizer-lhe coisas que lhe despedaçaram o coração, tirou a faca articulada do bolso da saia, abriu-a e ergueu-a à altura dos

olhos. Enquanto examinava a lâmina, a brisa no jardim serenou e era como se a terra estivesse a suster o fôlego para ver o que Caitlin iria fazer.

— Uma prostituta tem de ser bonita — disse Caitlin. — Uma feiticeira não precisa. — Erguendo a faca, levou a lâmina junto da face.

Imaginando o horror e a aceitação pesarosa da tia Brighid ao ver o rosto mutilado de Caitlin, a rapariga sentiu uma satisfação vacilante. Ao imaginar a dor de Michael – pior ainda, a culpa que residiria para sempre no seu olhar por ter sido obrigado a partir de modo a cuidar do sustento da família – fê-la baixar a mão que segurava a faca.

— Não aguento mais — disse, fitando a esperança do coração. — Não aguento estar aqui, viver aqui. Se não fosse eu, a tia Brighid poderia regressar à Ilha Alva, onde é o lugar dela. E o Michael não teria de se preocupar com mais ninguém, a não ser com ele próprio, e poderia ter uma vida melhor do que aquela que tem hoje. *Merece* uma vida melhor. — Vieram-lhe lágrimas aos olhos. Parecia respirar com dificuldade. — E eu também mereço. Porque não poderei ir para um lugar onde possa ter amigos, onde me aceitem como sou? Porque não haverá um lugar assim? Sinto-me tão só. Custa estar tão só. Não haverá ninguém no mundo de quem pudesse ser amiga?

Ao abraçar as pernas, o cabelo que chegava à cintura deslizou por cima de um ombro. A dor deu novamente lugar à raiva, que se tornou num sentimento gélido e obscuro.

Sentando-se direita, agarrou no cabelo logo abaixo da fita azul que o mantinha preso. De seguida, pousou a lâmina da faca logo acima da fita e cortou o cabelo. Atirando o cabelo atado com a fita para a frente da esperança do coração, continuou a pegar em pedaços do cabelo encurtado e a cortá-lo ainda mais, sentindo uma tremenda satisfação face a este acto de automutilação.

Até que fez um golpe no polegar e a dor quebrou o estado de espírito gélido e obscuro.

Dobrando a lâmina no cabo, colocou a faca no bolso e foi até à queda de água lavar o golpe. Não era fundo a ponto de precisar de pontos, mas era doloroso e – suspirou enquanto envolvia o dedo num lenço – determinava o término do dia de trabalho no jardim.

Olhou para os tufo de cabelo espalhados pelo chão onde estivera sentada. Olhou para o rabo-de-cavalo que fora o lindo cabelo que a fazia sentir bonita e que já não lhe proporcionava qualquer satisfação.

Saiu a correr do jardim, correu o caminho todo até casa.

— Caitlin Marie!

Não detectou qualquer satisfação na consternação da tia face ao seu aspecto, mas ergueu o queixo em ar de desafio. — O cabelo adequava-se a uma prostituta. Não serei meretriz de ninguém.

A tia Brighid começou a falar, mas mudou de ideias. Em vez disso, puxou uma cadeira junto à mesa da cozinha. — Senta-te. Vou buscar a minha tesoura de poda e veremos o que posso fazer para arranjar o que resta desse cabelo.

Enquanto a tia Brighid aparava o cabelo, Caitlin manteve os olhos fechados. Sentia uma certa liberdade por ter o cabelo tão escandalosamente curto. Seria considerado como pouco feminino, nada atraente. No dia a seguir iria vasculhar os baús no sótão. Talvez restassem algumas peças de roupa que tivessem deixado de servir a Michael. Com roupa de homem e cabelo à homem... Talvez aprendesse a fumar cachimbo. E daria a saber que qualquer homem que demonstrasse interesse nela, só tinha interesse por não se interessar nada por mulheres. Nenhum homem da Colina do Corvo queria ser acusado de dar um passeio ao luar com um homem. Quem sabe, se fosse confundida por um jovem homem, um pouco efeminado, pudesse acompanhar Michael nas suas deambulações, afastar-se definitivamente da Colina do Corvo e ver um pouco do mundo. Talvez até encontrar pessoas que aceitassem este estranho dom que possuía e quisessem ser seus amigos.

Já não se sentindo tão desanimada, ajudou a tia Brighid a varrer os cabelos e a preparar o jantar. Mais tarde, enquanto ambas remendavam roupa, pensou nos cabelos que enrolara à volta da esperança do coração e da beladona que dera a Merrill.

Quando subira a colina para ir buscar as plantas, não prestara atenção a mais nada para além das *plantas*. No momento presente, lembrando-se daquele canteiro no canto no jardim, apercebeu-se de que a pedra que viera da Ilha Alva tinha sido colocada por detrás das plantas.

Quando a tia Brighid começara a falar do Refúgio de Luz, oferecera a Caitlin a pedra que trouxera da Ilha Alva como uma espécie de talismã e Caitlin levava-a para o jardim, de modo a fazer parte do canteiro de flores que plantara em honra do Lugar de Luz. O canteiro nunca dera flores. Algumas pequenas e bonitas flores desabrochavam na Primavera, mas no resto do ano, aquele pedaço de terra mantinha-se teimosamente despojado, independentemente do que Caitlin ali tentasse plantar – ou do que tentasse persuadir Efémora a produzir naquele local. Depois de não ter passado no teste da Luz, deixou de tratar daquele canteiro de flores e até as pequenas flores da Primavera tinham morrido.

Não se recordava, mas devia ter deslocado a pedra para esse sítio. E agora que pensava sem a raiva a toldar-lhe o discernimento quanto ao jardim, parecia-lhe um pouco... estranho... perceber que as plantas tinham estado junto daquela pedra. Recordando a sensação de uma mão a agarrar a dela quando tocou nas plantas, apercebeu-se de algo mais. As plantas

não pareciam estar em perfeita harmonia com o resto do jardim – como se Caitlin estivesse a cantar uma canção e outra pessoa cantasse outra, e as melodias entrelaçavam-se e misturavam-se ao mesmo tempo, a abrirem caminho à harmonia, mas sem a alcançarem na perfeição.

Por enquanto.

Caitlin estremeceu. Não. Certamente que não. Fora um gesto infantil, um certo faz de conta. Os dois fios de cabelo que enrolara em redor dos caules das plantas *não tinham* o poder de alterar o que viesse a suceder quando Merrill e as outras Senhoras da Luz realizassem a cerimónia. Ou tinham?

■

Glorianna prendeu o comprido alfinete de peito em ouro na simples blusa branca e afastou-se para poder ver-se ao espelho por inteiro. Provavelmente, a camisa verde-escura e o casaco a condizer com flores bordadas à volta do decote e dos punhos eram demasiado formais para esta reunião. Com o cabelo apanhado, parecia que ia a um evento social vespertino e não a um encontro com colegas para discutirem o perigo que o mundo enfrentava.

Mas não somos colegas, pensou enquanto aplicava um pouco de perfume nos pulsos. Nunca fiz parte do grupo.

Ainda assim, tinha de ver as Paisagistas que tinham encontrado o caminho para o Santuário, tinha de falar com elas e esperar que estivessem dispostas a colaborar com ela na protecção de Efémere contra o Devorador do Mundo.

Guardiões da Luz, fazei com que me aceitem, permiti que oiçam o que tenho a dizer. Se não ouvirem, se não quiserem ouvir-me, Efémere acabará por ficar mais fragmentada do que já está.

A mulher que retribuía o olhar no espelho parecia enervada em vez de demonstrar uma confiança absolutamente necessária. A mulher no espelho estava cansada de ser uma forasteira que não podia contar com os seus pares para juntas enfrentarem a batalha eminente. Embora ainda acreditasse piamente que deveria enfrentar sozinha o Devorador do Mundo, seria um alívio saber que a família não teria de carregar o peso da responsabilidade de serem os únicos a apoiá-la.

Fora essa a razão que a levava a escolher aquela roupa para o encontro – como chamada de atenção para o facto de a família a apoiar *incondicionalmente*. A mãe oferecera-lhe a blusa pelo seu trigésimo primeiro aniversário. Lee adquirira o requintado tecido verde e Lynnea fizera a saia e o casaco. Jeb, ainda relativamente inseguro quanto ao lugar que ocupava

na família, para além de marido recente de Nádia, oferecera-lhe o alfinete, que fora da sua mãe. Sim, o conjunto era muito bonito, mas assumira em cada peça que ia vestindo o amor e a aceitação que representava, como um escudo que poderia proteger-lhe o coração do que quer que a aguardava.

Afastando-se do espelho, uma aguarela pendurada na parede junto à cama chamou-lhe a atenção. Intitulada *Amante ao Luar*, a vista representava a clareira junto à cabana de Sebastian, onde se podia ver a lua a reluzir no lago. A mulher de cabelo escuro no quadro usava um vestido comprido, romântico e nada prático, e parecia tão tangível como raios de luar. Por detrás dela, abraçando-a de modo protector, encontrava-se o amante. O rosto estava obscurecido, desafiando a imaginação a fornecer os detalhes, mas o corpo sugeria um homem viril no seu auge.

Havia algo na atitude do homem, com a mulher encostada ao seu peito enquanto contemplavam a lua e o lago, que a levou a pensar que aquele era um homem que viajara de longe e agora guardava o tesouro que tanto procurara.

Sebastian, o romântico da família, pintara aquela aguarela para Glorianna. Capturara a ânsia de romance que ela julgava manter bem escondida. Se bem que, da mesma forma que os segredos do coração não se podem esconder de uma Paisagista, seria possível ocultar de um íncubo os anseios românticos?

Por vezes, ficava preocupada quando, na escuridão de uma noite solitária, invocava a imagem de um amante imaginário. Quando esse amante indistinto começava a parecer real a ponto de quase o conseguir tocar, permaneceria sozinha na fantasia que criara ou ter-se-ia um íncubo juntado a ela, alcançando-a através do crepúsculo dos sonhos quase despertos? Ou seria algo diferente a tentar alcançá-la por meio desse desejo ardente? Por vezes, parecia quase possível estender a mão através de incontáveis paisagens e tocar...

Truz, truz, truz. — Glorianna?

Abafando um gritinho que denunciaria o regresso repentino ao presente – e que daria a Lee a satisfação de saber que a tinha assustado –, Glorianna levou a mão ao peito para empurrar o coração de volta ao devido lugar. Não havia nada como um irmão no que respeitava a estilhaar uma fantasia sensual. Um dia, esperava poder devolver o favor.

Irritada com ela própria por estar a protelar e irritada com Lee, pois não bateria daquela forma na porta do quarto da irmã se não soubesse que já estavam atrasados, o que significava que *sabia* que ela estava a protelar, atravessou o quarto a toda a pressa e abriu a porta.

A irritação desapareceu na totalidade pois só conseguia olhar embasbacada.

Lee vestia as melhores calças pretas e o melhor casaco preto que possuía, uma camisa branca, um colete de seda verde com motivos e uma gravata preta. Usara aquele fato nos casamentos – no de Sebastian e Lynnea e, uma semana mais tarde, no da mãe de ambos com Jeb. Exceptuando aquelas duas ocasiões, não se recordava da última vez que o vira tão bem vestido.

— O meu belo irmão — disse, tencionando fazer-lhe um elogio sem grande entusiasmo. Mas ao vê-lo à sua frente, elegante por estar tão nervoso quanto ela por causa daquele encontro, Glorianna lembrou-se com clareza de que a vida do irmão teria sido muito mais fácil se não a tivesse como irmã.

Ou caso se tivesse recusado a aceitá-la depois de ter sido declarada proscrita.

Por isso, não conseguiu manter a ligeireza na voz, não conseguiu ignorar o significado que a lealdade de Lee significara para ela nos últimos dezasseis anos.

— Não venhas com pieguices — disse Lee, agarrando-a pelo braço e puxando-a para fora do quarto.

— *Não* estou com pieguices — disse Glorianna, insultada por sentir que estava tão perto desse sentimento. — Estava só a tentar ser agradável.

— *Ãh-ãh.* — Continuou a arrastá-la, abrandando ao chegarem às escadas de modo a permitir que Glorianna levantasse a saia para não tropeçar e derrubar os dois pelas escadas abaixo.

— Podes parar de me puxar? — disse Glorianna com rispidez quando chegaram ao fundo das escadas.

— Não. — Puxou-a para fora de casa, contornando-a. — Vamos usar a minha ilha para chegar à outra parte do Santuário. Demorará muito se formos de barco. Demoraste tanto a aperaltar-te que já estamos em cima da hora. — Olhou-a como se a estivesse a avaliar. — Ou distraíste-te com outras coisas?

Glorianna corou e Lee, sendo um irmão insuportável, riu-se.

— O Sebastian vai gostar de saber que gostaste do quadro — disse.

— Não estava a sonhar com o quadro — respondeu Glorianna, cerrando os dentes.

— Eu disse que estavas a sonhar? *Nunca* disse tal coisa. — Deteve-se no local onde a ilha dele estava pousada sobre a de Glorianna, visível uma vez que não havia motivo para a ocultar.

A ilha de Lee estava ancorada no Santuário. Originalmente, Glorianna criara-a como um lugar privado para si própria, mas ecoara em Lee no momento em que ali entrara e a ligação era tão forte que conseguia impor a ilha em qualquer outra paisagem. Invisível, a menos que Lee assim não quisesse, a ilha providenciava terreno seguro caso se visse numa paisagem perigosa.

— Ora bem — prosseguiu —, queres sentar-te com as outras Paisagistas, e perder tempo com conversas improdutivas e asfixiantemente educadas ou queres pedir a Efêmera para que faça surgir um grande lodaçal?

— *O quê?* — Olhou-o atônita. — Essa gravata não está muito apertada? Acho que o sangue não está a chegar ao cérebro.

— Há um costume numa das paisagens – não é uma das tuas paisagens, é uma que visitei com outro Construtor de Pontes há dois anos. Quando duas pessoas – habitualmente mulheres pois os homens têm tendência para tratar destes assuntos de outra maneira – começam a insultar-se e a confusão começa a levar outras pessoas a tomarem partido, os chefes da aldeia ordenam que as mulheres – pessoas – sejam acompanhadas até um lodaçal nos limites da aldeia, criado para este fim. As duas... adversárias, chamemos-lhe... são levadas para dentro do lodaçal...

— Empurradas, melhor dizendo.

Lee encolheu os ombros. — E dá-se início. Os insultos são acompanhados por uma mão cheia de lama atirada à adversária.

— Boca suja é o sentido literal.

Lee acenou afirmativamente. — E elas lá gritam e arengam e enfurecem-se e atiram lama uma à outra até ficarem tão cansadas que já não aguentam mais.

— Deve ser humilhante, ouvirem-se coisas que deviam manter-se na esfera privada.

— Mas que não se mantêm. Têm andado a espalhar o que dizem nas costas uma da outra. Assim vem tudo a público e, para além de mostrar a todos a insignificância da discussão, é também muito divertido de se ver.

— E resolve alguma coisa?

— Por vezes, estou em crer que desanuvia a tensão entre pessoas que gostam uma da outra mas que, algures no caminho, cometeram algum deslize.

Glorianna inclinou a cabeça. — Como irmãos?

Lee sorriu. — Do que percebi, alguns começam as zaragatas só para brincarem na lama.

Glorianna deu uma gargalhada. — Que pena não teres conhecimento deste costume quando eras mais novo.

Riu-se também, ficando repentinamente com um ar sério. — Não és como as outras Paisagistas, Glorianna Belladonna. Nunca foste. És caminhante do coração, bem como Paisagista. Nunca te esqueças disso.

Os olhos de Glorianna encheram-se de lágrimas e ela não resistiu quando o irmão a envolveu num abraço reconfortante.

— Alguma vez desejaste que fosse como elas? — perguntou, pousando a cabeça no ombro do irmão.

— Às vezes — respondeu com serenidade. — Mas somente pelo que sofreste por seres diferente. — Hesitou, para logo acrescentar: — Não mudaria nada, Belladonna. Trabalhei com outras Paisagistas. Tive de trabalhar. E isto te digo, não como irmão mas como Construtor de Pontes. Não há mais ninguém que eu quisesse a liderar esta luta contra o Devorador do Mundo. Não há ninguém em quem confie tanto para apoiar.

Levantou a cabeça e olhou-o nos olhos. Embora não precisasse de ver a verdade; conseguia sentir o coração de Lee.

— Vamos lá ao encontro dos outros.

De mãos dadas, entraram na ilha. Em poucos momentos, Lee tinha-os deslocado de regresso ao lugar no Santuário onde a ilha existia fisicamente. Decorridos poucos minutos, entraram na casa de hóspedes e deram com a sala que Yoshani reservara para a reunião.

As Paisagistas e Construtores de Pontes na sala não tinham propriamente um aspecto desmazelado, mas todos mostravam uma expressão de desorientação. Tinham assistido ao fim do mundo que conheciam e nenhum sabia ao certo qual o passo seguinte para remendarem o que fora devastado pelo feroz ataque do Devorador do Mundo aos Colégios das Paisagistas e dos Construtores de Pontes.

Será que as Guias do Coração tinham o mesmo semblante?, conjecturou Glorianna. *Quando a batalha terminou e olharam em redor para o mundo fragmentado, ter-se-iam sentido igualmente perdidas e vacilantes?*

Yoshani sorriu quando os viu, mas Glorianna sentiu a tristeza que ecoava do seu coração, sentiu as correntes de Escuridão de poder que fluíam pela sala, que nutriam as cinco Paisagistas e os três Construtores de Pontes que aguardavam, sentados. Não conhecia nenhum dos Construtores de Pontes, tal como não conhecia a Paisagista de Terceiro nível nem as três que usavam insígnias de Primeiro Nível. No entanto, a Paisagista mais velha fora sua Instrutora no curto período em que frequentara o colégio.

— Eia — cumprimentou Yoshani com delicadeza.

Um dos Construtores de Pontes virou-se e viu-os. Por um segundo, os seus olhos mantiveram-se inexpressivos. Mas foi invadido pela raiva ao pôr-se em pé de um salto, a apontar. — O que fazem *estes* aqui?

— É com eles que se vieram encontrar — disse Yoshani.

— Isso é que não — disse a Paisagista mais velha. — Não com *ela*.

— Precisam de ser informados — disse Glorianna, avançando para dentro da sala. — Precisam destas informações para que possam proteger as vossas Paisagens se...

— Foste a causadora de tudo isto! — gritou a Paisagista de Terceiro Nível. — Os magos deviam ter-te destruído quando tiveram essa oportunidade!

— A Glorianna não libertou o Devorador do Mundo e não foi ela que destruiu o Colégio! — berrou Lee. — Nunca vos fez mal algum! Os Guias das Trevas envenenaram-vos as mentes e os corações contra ela, mas agora ela é a única que vos pode ajudar.

— Não precisamos da ajuda *dela* — disse a Paisagista mais velha, com o corpo a estremecer de raiva ao levantar-se. — Foi declarada proscrita por algum motivo e finalmente vimos o verdadeiro rosto de Belladonna.

— Será que conseguem mesmo ver? — perguntou Glorianna. — Conseguem acalmar os corações por um momento para verem realmente quem sou e o que sou? — Estendeu a mão e concentrou-se na Paisagista mais velha. — Não precisas do jardim no colégio para estabeleceres ligação às paisagens que te pertencem. Ecoam no teu interior. *Podes* alcançá-las. Se as paisagens de onde vieram são seguras, poderão construir outro jardim como forma de protecção dos lugares ao vosso cuidado. E os Construtores de Pontes poderão ligar as paisagens que as cinco protegem. Preciso da vossa ajuda para combater o Devorador do Mundo.

— Da nossa ajuda? — disse a Paisagista mais velha. Deu uma gargalhada amarga. — Se alguém libertou estes horrores nas paisagens, esse alguém é *tu*. Atreves-te a vir ao Santuário? Aqui é terreno sagrado, um Lugar de Luz. Estás a maculá-lo com a mera presença do teu coração imundo!

— Basta! — gritou Yoshani.

Não, pensou Glorianna. *Não basta.*

As correntes de Escuridão no seu interior cresceram com uma ira sombria e genuína. Afastou-se de Lee. Todavia, antes de proferir as palavras que estavam a debater-se para se libertarem, enviou uma ordem.

Efémere, ouvi-me. *A raiva presente nesta sala não passa de uma rajada de vento, uma tempestade que purifica e passa. Esta raiva nada manifesta, nada altera.*

Porém, tudo se iria alterar.

— Não sou como vocês — disse Glorianna, a ira intensa e irrequieta no seu corpo a enrouquecer-lhe a voz. — Nunca fui, visto que sou descendente directa das Guias do Coração que caminharam neste mundo em tempos idos. Sou como *elas* e estou ligada ao mundo de formas que vocês nem sequer imaginam. No entanto, as linhagens dos Guias das Trevas também correm nas minhas veias, por isso domino a Luz e a Escuridão. Não sou humana. Não sou como vocês. Sou Belladonna. Nunca quiseram nada que me dissesse respeito. Agora, sou eu que nada quero da vossa parte. — Levantou uma mão e apontou para as Paisagistas e para os Construtores de Pontes. — *Efémere*, ouvi-me! Reconhecei estes corações. Qualquer lugar que ecoe em mim ficar-lhes-á vedado para todo o sempre. Poderão deixar

esta paisagem voluntariamente, mas se não o fizerem, enviai-os para a paisagem que ecoe nos seus corações. Assim ordeno.

Virou-se e caminhou para a porta. Deteve-se e voltou a virar-se para o grupo. — O Devorador do Mundo está solto nas paisagens. Se não se agarrarem aos vossos fragmentos do mundo com toda a Luz presente nos vossos corações, o Ente destruir-vos-á e a tudo o que protegem.

Saiu da sala, saiu da casa de hóspedes. Fugiu da dor que ameaçava paralisá-la.

Contudo, mesmo enquanto corria, sabia que ninguém, nem sequer Glorianna Belladonna, tinha a capacidade de correr tão depressa ou para tão longe a ponto de conseguir escapar à dor que residia no seu coração.

■

Yoshani colocou-se à frente de Lee. — Já está — disse, mantendo a voz baixa para que somente Lee o ouvisse. — Não é preciso dizer mais nada. Afasta-te por algumas horas. Vai visitar o teu primo.

Os olhos verdes de Lee denotavam uma raiva gélida. — A minha irmã precisa de mim.

— Há demasiada raiva no teu coração, meu amigo. Não podes ajudá-la. Extravasa os teus sentimentos em alguém que os possa absorver sem ficar magoado. Por vezes, a raiva precisa de um eco antes de poder desaparecer. Vai. Eu tomo conta da Glorianna.

Lee fulminou as Paisagistas e os Construtores de Pontes com o olhar e saiu da sala.

Yoshani fechou os olhos e tentou acalmar o turbilhão no seu coração.

Oportunidades e escolhas. Era um provérbio a que Glorianna costumava recorrer para explicar o funcionamento do mundo no que dizia respeito à concretização de anseios do coração. Yoshani vira o lado da Luz desse provérbio, mas até àquele dia, nunca testemunhara o lado trágico, em que as escolhas poderiam vir a ter um custo elevadíssimo.

Virou-se para as oito pessoas na sala.

— Lamento — disse —, mas já não podeis permanecer no Santuário.

Deu-lhes alguns momentos para negarem e protestarem, erguendo depois a mão para exigir silêncio. — Não podeis ficar.

— Mas viemos aqui em busca de ajuda, em busca de respostas para o que está a acontecer nas paisagens – e para o que sucedeu no colégio — protestou um dos Construtores de Pontes. — Dissestes que talvez aqui encontrássemos a resposta.

— A resposta esteve perante vós e não quiseram ver. Escolheram rejeitá-la e agora ela escolheu rejeitar-vos.

A Paisagista mais velha olhou-o incrédula. — Belladonna? Era *ela* a resposta? Foi proscrita!

— E isso é tudo o que vedes — disse Yoshani, tristemente. — Para vós, Belladonna não passa de uma palavra que o mal usou para vos envolver os corações. Por isso, agora não ecoais nas correntes de poder que fluem pelo Santuário e, desta feita, não podeis permanecer neste lugar.

— E *ela* pode? — gritou um dos Construtores de Pontes.

— O Santuário é uma das paisagens de Belladonna — respondeu Yoshani com serenidade. — Alterou Efêmera de modo a reunir os Lugares de Luz de modo a podermos aprender uns com os outros, para que possamos ir buscar forças uns aos outros.

Limitaram-se a fitá-lo, demasiado estupefactos para responder.

A Paisagista mais nova abraçou-se. — O colégio já não existe. Não podemos regressar aos nossos jardins. Como podemos cuidar de Efêmera se estamos completamente sozinhos?

— Não estais sozinhos — disse Yoshani, olhando para cada um deles. — Tende-vos uns aos outros. Encontrai um lugar onde possais voltar a construir, começar de novo. — *E confiar que o Devorador do Mundo não volte a encontrar-vos.* — Vinde. Acompanhar-vos-ei à ponte que julgo ainda ter a capacidade de vos levar de volta às vossas paisagens.

Glorianna manteve o olhar preso no lago de carpas koi. Queria regressar à Ilha na Bruma e envolver-se no conforto da solidão. Porém, sentou-se no banco a observar as carpas enquanto esperava que Lee desse com ela.

Mas foi Yoshani que se sentou no banco a olhar os peixes dourados.

— Onde está o Lee? — perguntou Glorianna, com a voz rouca devido à tempestade de lágrimas que se tinha desencadeado dentro dela, depois de ter saído a correr da casa de hóspedes.

— Foi visitar o Sebastian — respondeu Yoshani.

— Mas... — Reprimiu o sentimento de desilusão. Lee devia estar abalado com aquele encontro. Tinha o direito de desabafar da forma que quisesse.

— Sugeri que saísse daqui por algum tempo — disse Yoshani. — Por muito chegada que sejas ao teu irmão, não lhe podes dizer tudo.

Glorianna não respondeu, pelo que ficaram os dois sentados, a olhar para as carpas.

— Os anseios do coração representam a magia mais poderosa que existe no nosso mundo — disse Glorianna, por fim. — Têm a capacidade de remodelar o mundo, de provocar acontecimentos em cascata.

— Não é verdade que qualquer anseio do coração, tenha ele o poder que tiver, pode ser contrariado por outro anseio do coração que altere

ou quebre essa sucessão de acontecimentos? — perguntou Yoshani. Como Glorianna não respondeu, acrescentou: — Que temes, Sensata Glorianna da Escuridão?

Temor. De facto, não podia discutir tudo com o irmão – ou com a mãe. Contudo, ali, naquele instante...

— Faz dezasseis anos que sei que sou diferente — disse, em voz baixa. — Já sabia que não era como as outras Paisagistas, antes até de ser considerada proscrita. Mas queria ser uma delas. Queria pertencer ao grupo e ter amigas e falar com pessoas que compreendessem os desafios e frustrações de ser protectora do mundo. — Hesitou, prosseguindo para o que tinha de ser dito. — Fui a causadora de tudo isto, Yoshani? O meu desejo ardente de pertencer ao grupo rumorejou pelas correntes do mundo e desencadeou tudo isto, libertando o Devorador e destruindo o colégio para que os sobreviventes fossem obrigados a aceitar-me como um deles? — Os olhos encheram-se de lágrimas, ardendo-lhe nos olhos para depois deslizarem pelas faces. — Fui a causadora de tudo isto?

— Glorianna, isto te digo com toda a honestidade e amor de amigo. — Yoshani pegou-lhe na mão entre as suas e inclinou-se para ela. — Estás a ser uma idiota presunçosa.

Glorianna pestanejou, tentando vê-lo com clareza entre as lágrimas.

— Libertaste o Devorador do Mundo? — perguntou Yoshani.

— Talvez tenh...

— Foste ao colégio libertar o mal?

— Não, mas...

— Recorreste, deliberadamente e com maldade, à influência que tens sobre Efémera com o intuito de causar o que quer que tenha levado à libertação do Devorador?

— Não. — Com a mão livre, enxugou as lágrimas da cara.

— Deixa-me contar-te uma história acerca do mundo.

— Acho que não temos tempo para histórias — disse Glorianna, sentindo-se de mau humor. Chamara-lhe idiota presunçosa. Que ajuda era aquela?

— Temos tempo para esta. — Yoshani largou-lhe a mão, apoiou um pé no banco e abraçou o joelho erguido. — Não era um mau homem, era mais um jovem cuja rebeldia poderia tê-lo levado por um caminho sombrio. Se nesses tempos existisse um lugar como o Antro de Devassidão, talvez tivesse escolhido uma vida muito diferente.

Glorianna observou-o atentamente. — O Provocador ainda fica nervosíssimo ao ouvir o teu nome.

O Provocador era um íncubo que vivia no Antro e que era o melhor amigo de Sebastian. Quando Glorianna foi à Cidade dos Magos para ilu-

dir os Guias das Trevas, Yoshani regressara ao Antro com o Provocador para ajudar aquela paisagem a manter o equilíbrio. O íncubo ainda tinha dificuldades em aceitar o facto de que um homem que residia num Lugar de Luz se tivesse sentido à vontade no Antro de Devassidão – e que tivesse *apreciado* essa visita.

Yoshani sorriu. — Como lhe disse repetidamente durante a minha visita, nem sempre fui um homem venerável.

— Então porque vos tornastes num homem venerável?

— Por causa de ti.

Glorianna não sabia o que dizer, não sabia o que pensar, o que sentir.

— O meu desregramento estava a dificultar a vida da minha família. No âmago dessa rebeldia estava a raiva. No âmbito da minha vasta família, podia ter escolhido diversas profissões, podia ter aprendido diversos ofícios. Contudo, nenhum deles tocava o meu coração e, à minha maneira, debatia-me para não ser submetido a uma vida que não me estava destinada.

“Até que um dia, o meu avô chamou-me e disse-me que tinha de optar: podia subir à montanha e viver no seio da comunidade que servia a Luz, permanecendo membro da família, ou podia prosseguir sozinho a minha vida desregrada, banido por todos os que me tinham amado. Se ao cabo de três anos não tivesse encontrado o meu lugar ou o meu objectivo na Luz, poderia regressar a casa e retomar a vida que tinha, sem qualquer penalização por parte da família.

“Assim, ao longo de três anos, trabalhei na comunidade e estudei os mais velhos e tentei encontrar o meu objectivo na Luz. E não passou um dia em que não orasse que algo ou alguém me mostrasse aquilo que, no meu coração, sabia que faltava.

“Foi então que, um dia, tu apareceste, uma menina de uma parte desconhecida do mundo, tentando que a compreendessem. Os anciões chegaram à conclusão que sofrias uma enfermidade do coração, um... envenenamento. Tinha o dobro da tua idade e era muito relutante, mas os anciões atribuíram-me a tarefa de te acompanhar enquanto vagueavas pela terra que constituía o nosso lugar sagrado. Assim, segui-te pelos jardins, pelos campos e pelos bosques. De repente, paraste, ergueste o rosto para o céu, fechaste os olhos... e absorveste o sossego. Atentei na Luz que te invadia, senti que rejubilava em tal receptáculo, vi-te a desabrochar como uma planta reage à chuva depois de um período de seca.

“Observei e senti que algo a mudar no meu coração. Percebi a tarefa a que me podia dedicar no mundo – ajudar outros a encontrar esse mar de tranquilidade, esse momento de paz em que se consegue verdadeiramente ouvir os anseios do coração, conseguindo vislumbrar os caminhos que se

abrem à frente para o percurso da vida. Por me terem atribuído a tarefa de velar por ti, encontrei o meu lugar na Luz.

— Se não tivesse chegado à vossa comunidade naquele dia, os Guias das Trevas teriam conseguido selar-me no meu jardim, no colégio — disse Glorianna. Após um momento de silêncio que pareceu ocupar o mundo, perguntou: — Por que só agora me contastes esta história?

— Até nos tornarmos amigos e confiarmos um no outro a ponto de discutirmos assuntos delicados, não sabia de que forma vias o mundo que te rodeava, como Paisagista. Depois de começar a compreender a forma como vês o mundo, nunca surgiu a oportunidade certa para te contar esta história. Até hoje. Por isso, agora te pergunto, Sensata Glorianna da Escuridão. Terão sido as minhas preces, o anseio do meu coração, a razão que levou Efémora a criar uma forma de chegares à parte do mundo onde eu vivia? Se assim foi, poderás acusar-me dos infortúnios da tua vida?

— Não, claro que não — disse Glorianna. — Todos os dias fazemos centenas de escolhas e cada uma dessas escolhas, não importa quão banal possa ser, altera infimamente as paisagens onde vivemos. Um número significativo dessas ínfimas alterações poderá mudar o eco de uma pessoa e abrir outra paisagem como sendo a etapa seguinte da viagem da vida.

— Ou fechar uma paisagem? — perguntou Yoshani, com delicadeza.

Glorianna acenou com a cabeça, confirmando. — Por vezes, uma pessoa atravessa uma ponte e não volta a encontrar o caminho de regresso à paisagem que conhecia, pois superou esse lugar. Essa pessoa já nada tem para oferecer a essa paisagem que, por sua vez, também já nada tem para oferecer em troca.

— E, por vezes, quando chegam a esse ponto, sabem que está na hora de partir. — Yoshani pegou-lhe novamente na mão. — Hoje chegaste a esse ponto. Creio que, no teu coração, nunca chegaste a deixar efectivamente o colégio. Creio que, por te teres agarrado a uma paisagem que não te pertencia, negaste as tentativas do teu coração para manifestar um anseio do coração. — Apertou-lhe ligeiramente a mão. — Disseste a verdade, Belladonna. Não és como elas. Nunca foste. Deixa-as partir. Têm o seu próprio percurso a fazer. Está na altura de procurares os teus semelhantes.

Uma vaga de poder inundou-a, como se uma represa libertasse, por fim, o que estivera retido durante tanto tempo.

Um anseio do coração.

O anseio de Glorianna.

— Guardiões e Guias — arquejou.

— O que é? O que se passa? — Yoshani agarrou-a pelos ombros para a amparar.

— Julgo que se chama revelação – ou um anseio do coração libertado da gaiola. — Sentiu ressonâncias débeis. — Já está a passar-se algo. Antes não conseguia senti-lo.

A verdade é que *já* sentira – numa pedra que Efêmera colocara no seu jardim.

— Preciso de voltar à Ilha na Bruma — disse, pondo-se em pé de um salto.

— Posso acompanhar-te? — pergunto Yoshani, levantando-se e ficando ao lado dela.

Glorianna hesitou, quase recusou a companhia de Yoshani, mas permitiu que as ondulações que ainda fluíam pelas correntes de poder decidissem por ela.

— Obrigada. Será um prazer ter a vossa companhia.

— E como és tão amável, até irei preparar-te uma refeição — disse Yoshani enquanto se afastavam do lago de carpas. — Tens arroz?

— Sim. Não. Talvez. — *Cozinha* quando estivera sozinha na ilha por uns dias e quisera entreter-se na cozinha, mas isso não equivalia a saber o que tinha de momento na despensa. — O Lee come coisas.

Yoshani emitiu um som que poderia ser tomado por um relincho. — Neste caso, sugiro que abastecemos um cesto na despensa da casa de hóspedes. Assim é mais simples, não achas?

Não tinha opinião relativamente à simplicidade de recorrer à despensa da casa de hóspedes, mas sabia, com certeza absoluta, que a sua vida estava prestes a mudar – e que nada seria simples.

■

Na parte secreta do mundo conhecida como Jardim da Amada, o vento agitava a água no lago e rumorejava nas folhas. Fazia esvoaçar a fita azul que atava um longo rabo-de-cavalo de cabelo castanho.

O jardim ressoava o anseio do coração da Nova Amada, enviando pequenas ondas pelas correntes de poder de Efêmera, quer de Luz quer de Escuridão: “*Não haverá ninguém no mundo de quem possa ser amiga?*”

Um eco de resposta ondulou proveniente de vários lugares de Efêmera, mas um desses lugares apresentava uma melhor e mais forte ressonância. Porquanto um anseio de coração podia reagir a outro. Em resposta, Efêmera alterou um fragmento do jardim de modo a facultar um ponto de acesso à parte de si que ecoava naquele outro anseio do coração. Porém, a Nova Amada não atravessou. Por isso, pegou naquilo que a Nova Amada deixara, levando-o para o lugar que ecoou com o outro anseio do coração.

Enquanto o comprido rabo-de-cavalo de cabelo castanho desaparecia do jardim, um botão da esperança do coração desabrochou numa linda e delicada flor.



CAPÍTULO OITO

Depressa, depressa, depressa, pensava Merrill à medida que o navio se aproximava do porto de Atwater. Ainda que as velas seguissem enfunadas, o barco não avançava a uma velocidade satisfatória. Havia algo a segui-los. Conseguia sentir-lhe a presença, sentia como a atraía sempre que olhava para a água.

Teriam tempo de regressar ao Refúgio da Luz para... fazer o quê? Shaela não parava de fazer precisamente a mesma pergunta, mas Merrill não tinha resposta. Se fosse o Aniquilador – a Fonte de Todo o Mal das lendas antigas – a deslocar-se pelo mar, perseguindo o barco, como poderiam duas plantas ou um círculo de oração detê-lo?

— Ainda nos segue — disse Shaela ao juntar-se a Merrill na proa. — Não está a tentar alcançar-nos, mas está a seguir-nos.

— Não precisa de nos alcançar — respondeu Merrill. — Só precisa de cercar a Ilha Alva e ficaremos encurraladas. Seguidamente, consumirás as pessoas que vivem nas povoações da ilha, tal como narram as lendas antigas, até restar apenas o Refúgio da Luz e as nossas Irmãs – pequenas candeias na escuridão. Candeias que, por sua vez, serão apagadas uma a uma.

— Não digas isso — disse Shaela numa voz estridente. — És líder do Refúgio da Luz. Se *acreditares* que a Ilha Alva está perdida, assim acreditarão as nossas irmãs. E *tudo* se perderá. A nossa crença na Luz é a embarcação que leva a Luz ao povo que habita na Ilha Alva, bem como aos nossos compatriotas de Elandar. É por isso que vivemos separadas – para manter a inocência necessária para nutrir essa crença.

— Não tiveste amparo na tua vida — disse Merrill.

— Pois não. Por isso me agarro à crença na Luz. É a minha jangada, construída com as tábuas de uma vida desfeita. — Shaela massajou a testa com os dedos. — Que faremos quando chegarmos a casa, Merrill? Não haverá tempo para conversas. Temos de tomar uma decisão antes de chegarmos a Atwater, pois o que quer que seja feito, tem de ser feito com celeridade.

— Eu sei, eu sei. — Mas que poderiam fazer?

Merrill apoiou-se na balaustrada, fechou os olhos e tentou conceber uma cerimónia que fosse possível realizar para salvaguardarem a Ilha Alva – e, ainda mais importante, o Refúgio da Luz – do Aniquilador.

E não conseguui pensar no que quer que fosse.

— Estamos a fazer-nos ao porto — gritou o comandante.

— Fazemos assim — disse Shaela, aproximando-se de Merrill. — Formamos um círculo de oração composto por sete Irmãs. Colocamos as plantas no centro do círculo. Quatro irmãs entoarão as palavras ouvidas nos sonhos. As três restantes entoarão uma confirmação como refrão.

Merrill olhou estupefacta para a amiga. — Mas, isso é... *bruxaria*. Estás a descrever um feitiço e não a realização de um círculo de oração.

— Tem tudo a ver com crenças, certo? — questionou Shaela. — Bruxaria ou oração. Que diferença faz o nome que lhe damos? Perante as nossas Irmãs, se dissermos que sete é um número da Luz e não um instrumento de magia, quem duvidará de nós? Quem duvidará de ti, a nossa líder? Se disseres que assim será feito, assim o farão.

Merrill foi assolada por uma desconfiança demasiado primitiva para ser descrita por palavras. Sentiu o corpo a endireitar-se, a retrair-se perante a outra mulher. Com a vida desfeita, Shaela invocara o passado que a levava à Ilha Alva. Uma vida desfeita – e nada inocente.

— O que eras antes de vires para a Ilha Alva? — segredou Merrill.

— Depois de tantos anos a trabalhar e a viver juntas... só agora me perguntas. — Shaela sorriu com amargura. — O que julgas que era?

Era feiticeira. Olhou para o rosto marcado com cicatrizes, para o olho cego e conjecturou, pela primeira vez, se as mazelas teriam sido mercedas.

O que me leva a tais pensamentos?, perguntou-se, sentindo-se perdida e ligeiramente desesperada. *O que me leva a questionar uma amiga quando mais preciso da sua força emocional e determinação. Porque...?*

Nesse instante, percebeu. Não precisava de olhar para a popa ou para o mar. Era muito fácil imaginar a mancha negra nas águas, a deslocar-se com a maré, a aproximar-se gradualmente da costa.

De alguma forma, o Aniquilador conseguira penetrar-lhe na mente e no coração e aí estava a semear dúvidas, afastando-a das Irmãs.

— O teu plano poderá resultar — disse Merrill.

— E o que te leva a pensar assim?

— Porque o mal que nos persegue não quer que eu acredite nesse plano – ou em ti.

— Merrill? — A voz de Shaela agudizou-se face à preocupação. — Foste conspurcada pelo mal que nos persegue?

— Tocou-me mas não me conspurcou — respondeu Merrill, tentan-

do sorrir. — Mas vou ficar bem. E iremos alcançar o Refúgio da Luz e realizaremos a cerimónia a tempo de impedir que o Aniquilador destrua a Ilha Alva. Ficas encarregue dos preparativos. Julgo que saberás melhor do que eu do que precisamos. Eu reúno as outras cinco Irmãs.

Shaela tocou delicadamente no braço de Merrill. — A esperança do coração reside em beladona. Não é preciso saber o que significa. Temos apenas de acreditar que nos salvará.

Merrill acenou em guisa de afirmação. Estavam quase a alcançar o cais. Estavam quase a chegar a casa.

É uma tontice, toda esta pressa, murmurou uma voz ansiosa. *É uma tontice apressarem algo tão importante.*

Sim, seria uma tontice fazer tudo à pressa. Em especial por não terem a certeza de como deveriam concretizar o que era preciso fazer.

É melhor pensarem bem. Para bem de todos. É tão importante. E tu... És responsável por tudo o que acontecer.

Líder. Mas não era uma líder com a qualidade de Brighid. Nunca conseguira aproximar-se.

Não, não és tão boa, murmurou a voz, com tristeza. *Em ti reside muita escuridão, demasiados... desejos... perversos.*

Merrill susteve a respiração. Não era verdade! *Não era verdade!*

Contudo, algo que lhe era externo queria levá-la a questionar as suas próprias decisões a ponto de hesitar. Tal significava que qualquer atraso – até o tempo que demorariam a chegar ao Refúgio da Luz – bastaria para arrasar todas as hipóteses de serem bem-sucedidas.

— Não podemos esperar — disse Merrill quando o barco atracou e a prancha foi colocada. — Temos de reunir quem quer que seja para constituir o círculo. Marinheiros, lojistas, seja quem for.

— E o que dizemos a essas pessoas? — perguntou Shaela.

— Dir-lhe-emos que encontrámos a magia que poderá salvá-los do que está a chegar, mas que não resultará sem a ajuda delas.

O que era, pensava Merrill ao descer a prancha, nada menos do que a verdade.

Manteve um semblante calmo enquanto os minutos passavam e, juntamente com Shaela, escolhiam o ponto onde iriam constituir o círculo, ao mesmo tempo que avaliavam quem, de entre as pessoas presentes nos molhes e armazéns, poderia adequar-se. Porém, o rufo do tambor que entoava *depressa, depressa, depressa* era agora incessante.

O Devorador do Mundo deslizou pela água, deixando que o mar o levasse até à terra adiante que resplandecia com correntes de Luz. Não tinha pressa. As correntes de Escuridão na ilha estavam a crescer rapidamente e tinham

agora um sabor a medo – e à convicção de que o Ente poderia destruir os humanos que ali habitavam. Até aqueles que protegiam a Luz.

Fora tão fácil penetrar na mente daquela fêmea e plantar-lhe uma semente de desconfiança no coração, onde a confiança fora originalmente semeada. Todavia, essa confiança, descuidadamente oferecida e velada com igual descuido, tinha raízes rasteiras e não tinha forças para sobreviver em caso de ataque. Aquela fêmea queria salvar o Lugar de Luz, queria acreditar que a magia que aprendera com a... feiticeira... poderia destruir o Ente.

Na verdade, a fêmea tornara-se um campo de batalha. O coração dela clamava face à necessidade de salvar a Luz. Na sua mente, não acreditava verdadeiramente que a magia salvasse alguma coisa – ou alguém. E como o que a mente acreditava era tão forte como o que o coração desejava, Efêmera não responderia.

O Ente entreteve-se por algum tempo, deslocando-se em direcção a um navio ou a um barco de pesca, saboreando o medo quando os humanos se apercebiam de que a sombra na água já não seguia as correntes do mar, aproximando-se deles com um propósito. Gritos de aviso invadiam o ar enquanto os navios e os barcos de pesca realizavam manobras de fuga. Alguns fugiam para a segurança do porto, outros afastavam-se da ilha.

Coração a coração, os humanos nutriam as correntes de Escuridão, alterando a sensação transmitida pela ilha. E o coração que deveria sustentar os alicerces... Alicerces sombrios. O coração que mantinha a ilha sob os seus cuidados não dava grande importância às pessoas que ali habitavam a ponto de tratar da paisagem, pelo que encontraria pouca resistência quando começasse a alterar o eco da ilha, de modo a ficar em conformidade com o Ente. Não era maravilhoso? Mas...

O coração que sustentava a ilha sustentava igualmente a povoação onde o Ente detectara primeiro as guardiãs da Luz – outro lugar igualmente negligenciado que se tornaria num terreno de caça. Contudo, havia um elemento díspar na ilha, emaranhado nas correntes de Escuridão e de Luz. Um elemento adicional. Algo que o Ente não conseguia perceber nitidamente, o que o deixava apreensivo.

Antecipando o festim, perdeu o interesse em vaguear pelas águas e dirigiu-se à ilha, com determinação.

■

— Sinto-me lisonjeado por me teres convidado para visitar o teu jardim — disse Yoshani.

Satisfeita por verificar que não havia qualquer dissonância na zona do jardim que representava as paisagens da mãe, Glorianna sorriu malicio-

samente ao companheiro. — Continuaríeis a sentir-vos lisonjeado se vos convidasse para me ajudar na monda? — Riu-se perante a expressão alarmada de Yoshani. Mas quando o ouviu dizer: — É permitido? — Glorianna sentiu uma palpitação de tristeza, pelo que lhe deu o braço e seguiu para a zona seguinte do jardim.

— Entristeci-te — disse Yoshani, vindo para além do que Glorianna gostaria. — Lamento.

— Não fostes vós.

— De alguma forma, as minhas palavras entristeceram-te.

Parou no canteiro seguinte mas não se concentrou nele. Por ora. — Este jardim representa as minhas paisagens e é a minha ligação a todas elas. Oh, estão sempre ligadas a mim aqui — tocou no peito para indicar o coração —, mas esta é uma forma tangível... — Franziu o sobrolho enquanto tentava encontrar uma maneira de explicar. — Todas as paisagens deveriam contar com a presença da respectiva Paisagista com alguma regularidade para que mantenham o equilíbrio – e também porque o facto de estar no próprio sítio é a melhor forma de detectar se uma parte específica de uma paisagem precisa de cuidados especiais. Os jardins constituem uma maneira fácil para uma Paisagista passar de um lado para o outro, alcançando assim os fragmentos do mundo ao seu cuidado. É um caminho estabelecido, uma âncora que me transporta sempre ao mesmo sítio de uma paisagem. Além disso, ao trabalhar a terra, ao plantar e mondar, consigo sentir cada paisagem, ficando a saber se algumas delas requerem atenção imediata.

— Mas convidaste-me para trabalhar no teu jardim — disse Yoshani. — Tal não iria interferir nas tuas paisagens?

Glorianna abanou a cabeça. — O vosso coração não interferiria neste jardim. — A voz da Paisagista mal se ouvia, acometida novamente pela tristeza. — É assim que começa a formação. Trabalhamos com uma Paisagista experiente, retirando as ervas daninhas dos jardins dela, aprendendo os nomes das plantas e o que simbolizam e do que precisam para crescerem viçosas. Aprendemos a combinar plantas de modo esteticamente agradável mas para que também representem aspectos diferentes de uma paisagem. Aprendemos a ressonância das correntes de poder de Efémora – as correntes de Escuridão bem como as de Luz. Tudo isto aprendemos num terreno seguro pois o eco de outrem mantém o equilíbrio. — Forçou-se a sorrir. — Se bem que tudo isso poderá ser um ardil das Paisagistas mais velhas para se absterem de retirar as ervas daninhas.

Yoshani olhou em redor, olhando depois para os olhos de Glorianna. — Quiçá precisas de uma aprendiz.

Glorianna sentiu um formigueiro a percorrê-la ao ouvir Yoshani proferir aquelas palavras.

Algo está a mudar, pensou, sentindo um puxão repentino da secção do jardim em particular que queria mostrar a Yoshani – os canteiros que representavam o Santuário. *Não. Essa mudança já aconteceu.*

— Glorianna?

Não respondeu, largou o braço de Yoshani e correu para essa outra parte do jardim, levando a que o homem corresse atrás dela.

■

Teria sido o acaso e o desassossego de jovens mulheres, perguntou-se Merrill, ou teria sido a mão orientadora da Senhora da Luz que trouxera três das Irmãs a Atwater? As raparigas tinham vindo à vila fazer alguns recados e umas compras para a comunidade e – cedendo a um impulso – tinham descido ao cais para saberem notícias de Merrill e Shaela, no momento em que estavam a prender as amarras do barco que as trouxera.

No total, eram apenas cinco, não eram as sete que Shaela pretendia, ainda que cinco experientes em concentrar os pensamentos de modo a estabelecerem ligação à Luz fossem preferíveis a sete que teriam de ser preparados.

Era disparatado instalarem-se no molhe em frente dos armazéns, pensavam Merrill enquanto, juntamente com Shaela, pousavam os vasos com a esperança do coração e a beladona lado a lado. Certamente conseguiriam afastar-se do cais e dos cheiros a maresia e peixe. Atwater tinha um pequeno e adorável jardim. Aí seria um local muito mais agradável para um círculo de oração e pouco tempo levariam a lá chegar. Estaria este sentimento de premência a ser sussurrado pela Escuridão para que agissem prematuramente, arruinando a hipótese de êxito desta “magia”? Se fizesse as opções erradas, o falhanço seria culpa dela. Como...

A mente de Merrill interrompeu a tagarelice amedrontada ao encontrar os olhos de Shaela – um deles turvo e cego, enquanto o outro via o mundo com demasiada clareza.

Acredita.

Era como se a palavra tivesse sido soprada no ar que as separava.

Deslocando o vaso com a esperança do coração, Merrill disse serenamente: — Inicia o cântico do sonho. Eu conduzo o refrão.

Shaela abanou a cabeça. — Como líder...

— Não consigo acreditar, Shaela. Pelo menos com a força necessária. Agora que chegámos a este ponto, não consigo fazer o que tu fazes. Mas posso conduzir o refrão. — Hesitou, para logo acrescentar: — Não teremos uma segunda oportunidade.

Shaela olhou para o mar. — Eu sei.

À volta delas estava a juntar-se uma multidão, à medida que marinheiros, mercadores e trabalhadores das docas eram atraídos para aquele pequeno grupo e a notícia de que as Irmãs da Luz iam realizar um círculo especial de protecção ali mesmo, nos molhes, começou a espalhar-se.

— Senhoras? — O comandante do navio que as transportou, bem como vários membros da tripulação, abriram caminho pela multidão. — Podemos ajudar-vos no que quer que seja?

Antes que Merrill tivesse oportunidade de recusar, Shaela falou. — Retomem qualquer parte do cântico na qual o vosso coração acredite piamente. Quantas mais vozes se erguerem nesta cerimónia, melhores serão as nossas hipóteses de que as nossas preces sejam ouvidas.

Tomaram posições, Merrill e Shaela defronte uma da outra, enquanto as outras três irmãs completavam o círculo, com a esperança do coração e a beladona no centro. À volta delas, as restantes pessoas formaram outro círculo.

Se isto não resultar... Merrill fechou os olhos momentaneamente, tentando banir a dúvida, concentrando-se depois em Shaela.

— A esperança do coração reside em beladona — disse Shaela, subindo o tom de voz para que as primeiras pessoas que rodeavam o círculo a conseguissem ouvir.

— Guardiã da Luz, ouvi as nossas preces — respondeu Merrill, como refrão.

— A esperança do coração reside em beladona. — Desta vez, duas das Irmãs juntaram-se ao cântico de Shaela.

— Senhora da Luz, ouvi as nossas preces. — A voz da outra Irmã juntou-se à voz de Merrill.

— A esperança do coração reside em beladona.

— Guardiã da Luz, ouvi as nossas preces.

— A esperança do coração reside em beladona. — Ao cântico juntaram-se vozes masculinas, vacilando ligeiramente, mas presentes.

— Senhora da Luz, ouvi as nossas preces. — Mais vozes.

Merrill sentiu a Luz a apoderar-se do círculo, sentiu que se espalhava pela multidão, sentiu que ganhava força a cada voz que se juntava ao cântico. E, pela primeira vez desde que tinham pressentido a mancha de malvez que as seguira desde a Colina do Corvo, acreditou com convicção que iriam conseguir.

Olhando para a amiga, Merrill acompanhou Shaela: — A esperança do coração reside em beladona.

O Ente ganhou velocidade enquanto se aproximava da ilha.

Algo mudara. O medo estava a desvanecer-se e o Ente sentiu o mun-

do a tornar-se fluido à medida que Efémora se preparava para manifestar a necessidade agora contida em muitos corações.

Não! Não conseguira localizar os restantes Lugares de Luz, pelo que *não* seria privado deste.

Nutriu as correntes de Escuridão do mar com a raiva que sentia. De seguida, o Ente tornou-se no próprio mar – e elevou-se numa vaga mortal que se deslocava para a ilha à velocidade de uma tormenta enfurecida.

■

O chamamento vinha carregado de um desespero que era como um látigo na pele de Glorianna. O eco daquela paisagem feria-lhe os sentidos.

Porém, tinha de responder. *Tinha* de responder.

— Glorianna!

Uma mão agarrou-lhe o braço, não permitindo que avançasse.

— Chamam-me, Yoshani — disse, tentando-se libertar-se. — Sou uma peça que não se encaixa bem num lugar onde não pertença deveras, mas não resta mais ninguém. — Fitou a pedra em forma de bacia e a bracelete em prata dentro de água, sentindo a carência que vibrava nos corações ligados àquele objecto. Sentindo um ritmo no ar.

— Não é um lugar que conheças, pois não? Se fores, conseguirás regressar? Glorianna!

Yoshani abanou-a, o que a sobressaltou o suficiente para se concentrar nele. Vendo a expressão no olhar do homem, ficou ainda mais sobressaltada a ponto de hesitar. Nas ocasiões em que vira aquela expressão nos olhos de outros homens, chamara-lhe: “olhos de guerreiro”. Jamais julgara ver os olhos escuros de Yoshani com tal expressão.

— Um chamamento tão forte poderá não ter origem na Luz — disse Yoshani.

— Tenho de responder — disse Glorianna. — Se não o fizer, perder-se-á algo muito precioso. Isso eu sei, Yoshani. Consigo senti-lo.

Yoshani acenou afirmativamente com a cabeça, mas a feroz expressão não se dissipou do seu olhar. — Não irás sozinha.

— Mas...

— Os dois ou nenhum. Não cederei, Glorianna.

Não havia tempo para argumentar. Retirando a bracelete da bacia de pedra, tentou ignorar a dissonância irritante, aquele conflito de ressonâncias.

O que me deseja, também me rejeitará.

Fechou a bracelete na mão e disse a Yoshani: — Não deixeis o meu braço. — Quando sentiu que Yoshani apertava com mais força, pensou:

Amanhã terei nódoas negras. Mas não lhe disse para não apertar tanto. Era preferível ter nódoas negras do que perder um amigo enquanto dava o passo entre o aqui e o além. Além disso, desconfiava que não seria só o braço a sofrer quando esta viagem chegasse ao fim. — Quando vos disser, dai um passo em frente.

Aguardou, aguardou, deixou que a ressonância crescesse ao ponto de o ritmo soar como um cântico.

— Agora — disse Glorianna e sentiu Yoshani a deslocar-se com ela ao darem o passo entre o aqui e o além.

■

— A esperança do coração reside em beladona.

— Guardiã da Luz, ouvi as nossas preces.

A maioria das pessoas fugira, tentando escapar à destruição que se avizinhava, mas algumas ficaram. Talvez percebessem que não conseguiriam afastar-se o suficiente para conseguirem salvar-se. Quem sabe ainda acreditassem que as suas vozes poderiam ser decisivas na salvação da Ilha Alva.

Merrill olhou por cima do ombro e estremeceu ao ver a muralha de água negra a dirigir-se a elas. Shaela, virada para o mar e a ver a onda a aproximar-se a cada segundo, não vacilou.

— A esperança do coração reside em beladona.

— Senhora da Luz, ouvi...

O homem e a mulher apareceram do nada, interrompendo o círculo. A mulher tropeçou nos vasos, derrubando a beladona antes de atravessar o outro lado do círculo. Os marinheiros e os trabalhadores portuários ampararam os dois desconhecidos, mantendo-os de pé, mas o mal já estava feito. Fosse qual fosse a “magia” conseguida pelo cântico e pelo círculo, acabara de ser destruída.

— Vocês aí! — exclamou Merrill, cedendo ao golpe de fúria que desejava crivar o punhal do falhanço no coração de outrem.

No entanto, a mulher de cabelo preto não tirava os olhos da muralha de água que se aproximava da ilha, virando depois o olhar gélido para Merrill.

— Que lugar é este? — perguntou.

— Guardiões e Guias — disse o homem enquanto fitava a onda negra. — Não podemos ficar aqui, Glorianna.

— Ainda não podemos ir embora — a mulher, Glorianna, respondeu. Aqueles olhos fixaram-se em Shaela. — Que lugar é este?

— A Ilha Alva — respondeu Shaela.

— Uma ilha? Estamos numa ilha?

Shaela acenou com a cabeça, confirmando.

— *Glorianna* — disse o homem.

A mulher abanou a cabeça. Ao erguer o punho cerrado, Merrill entre-
viu um brilho prateado.

— Este é um Lugar de Luz, Yoshani — disse Glorianna.

— E aquela é uma vaga assassina que submergirá esta ilha e todos os
que aqui se encontrem.

Glorianna voltou a abanar a cabeça. — Não, *aquilo* é o Devorador do
Mundo. Reconheço o eco.

Merrill arquejou. Como saberia esta mulher? Como podia falar com
tamanha convicção? Tal como o homem, a pronúncia indicava que era fo-
rasteira, oriunda de uma região muito distante de Elandar. Contudo, havia
nela algo familiar, algo...

É como estar perto de Caitlin Marie. Só que... ainda com mais vigor.

Merrill sentiu um calafrio ao ver a mulher a observar o mar, viran-
do-se depois para terra, como se conseguisse vislumbrar para lá de edifícios
e colinas, até ao Refúgio da Luz.

— Este lugar pertence-me e não me pertence — disse Glorianna cal-
mamente, virando-se de novo para o mar. — As ressonâncias estão enreda-
das de um modo que não compreendo, mas essa outra ressonância não tem
força que me impeça de apreender esta paisagem – pelo menos por mais
algum tempo. Posso tentar salvar ou destruir. Se tentar destruir e falhar,
nada conseguirei salvar. — Olhou fixamente para a muralha de água negra,
inspirou fundo e expirou lentamente. — Efêmera, ouvi-me.

Ela estava ali! A Verdadeira Inimiga estava ali, na ilha! Iria esmagá-la,
afogá-la, destruí-la! Com esta forma, o Ente fazia parte do mar. Não conse-
guiria aprisioná-lo, não conseguiria detê-lo.

A vaga negra elevou-se mais alto, deslocou-se mais ligeira.

Glorianna observou a vaga monstruosa a aproximar-se velozmente
da ilha. Se tivesse tido tempo, teria considerado cada uma das suas paisa-
gens para conferir se seria possível criar fronteiras e ligar esta paisagem a
outros fragmentos do mundo. Contudo, o tempo urgia. Além disso, havia
qualquer coisa de errado neste lugar. Apesar de ser um Lugar de Luz, aque-
le emaranhado de ressonâncias advertira-a quanto à existência de algum
problema.

Vão ficar sozinhos, pensou. *Por algum tempo, vão ficar por sua conta
e risco.*

Não havia forma de evitar.

— Efémera, ouvi-me.

Sentiu o mundo a alterar-se por forma a manifestar o seu coração e a sua vontade. Mas a mudança não se daria tranquilamente, de forma completa. No preciso momento em que Efémera alterou as paisagens e a vaga negra desapareceu, Glorianna percebeu que a alteração não fora completa – pois esta paisagem acabada de criar não ecoava harmoniosamente nela. O lugar parecia bastante seguro; as correntes de poder fluíam correctamente, embora as correntes de Escuridão lhe parecessem demasiado débeis para conseguirem equilibrar adequadamente os corações desta ilha.

Também nada havia a fazer em relação a isso, até encontrar a outra Paisagista que controlava esta ilha. Além do mais, neste momento queria resolver o seu próprio quebra-cabeças.

— Estais a salvo — disse, aproximando-se das duas mulheres mais velhas. — O Devorador do Mundo não vos conseguirá alcançar.

Mantiveram-se caladas, mas as três mulheres mais jovens fizeram um sinal com os dedos. Yoshani respondeu proferindo uma palavra em voz baixa que Glorianna desconfiava ser uma palavrão aprendido na juventude. O que confirmava que o sinal era insultuoso.

Deu um passo em frente. Todas deram um passo à retaguarda.

O que me deseja, também me rejeitará. Sentiu a verdade dessa afirmação ao olhar aquelas mulheres.

Uma das mulheres mais velhas endireitou os ombros e levantou o queixo – os movimentos de uma líder que lembrava aos seres inferiores *quem* mandava.

— A tua laia não é bem-vinda à Ilha Alva — disse a mulher.

Um eco proveniente da mulher agitou-se pelas correntes de Escuridão no interior de Glorianna. Dor. Mas não era dor recebida; era sofrimento infligido. E ao pensar na dor infligida e ao ouvir aquele coração, os dois vasos chamaram a atenção de Glorianna – a esperança do coração e a beladona, tombada, cuja terra estava parcialmente espalhada pelo molhe.

— Onde fostes buscar estas plantas? — perguntou Glorianna.

— Não tens nada a ver com isso, feiticeira — disse a mulher. — Volta para o lugar das trevas de onde vieste.

Ignorando a mulher, Glorianna acocorou-se junto do vaso tombado com a beladona. Estava ali qualquer coisa. Endireitou o vaso, e apanhou com as mãos a terra que conseguiu, evitando que as mãos ficassem com farpas do molhe. Quando pressionou a terra em volta do caule da planta, tocou com os dedos num ponto da base do caule que lhe provocou um formigueiro, que ressoou, tão repleto de anseios que a deixou angustiada.

— Yoshani — chamou enquanto afastava a terra do caule —, conseguis ver o que está aqui?

Acocorou-se junto da mulher. Ao inclinar o vaso, Glorianna viu um brilho à luz do sol.

— Ali — disse Yoshani, indicando esse mesmo ponto no caule. — Parece um cabelo enrolado à volta da planta.

Uma carência tamanha que basta um cabelo para levar o eco.

Mais do que isso, a ressonância proveniente do cabelo correspondia à ressonância na ilha, entrelaçada com o seu próprio eco.

Passando o vaso a Yoshani, levantou-se e encarou as duas mulheres. Desta vez, centrou-se na que tinha um olho turvo. — Onde obtivestes estas plantas? — Não obteve resposta. — Dizei-me sem delongas ou devolve-vos ao Devorador e a Luz extinguir-se-á da vossa parte do mundo.

Olharam-na aterrorizadas. Por fim, a líder disse: — As trevas que tens no coração são de tal monta que condenarias os inocentes?

— Jamais compreenderéis as correntes de poder que por mim fluem. — Abriu a mão, revelando a bracelete em prata – e testemunhou o abalo e o reconhecimento nos olhos da líder. — É vós não sois inocente. Porém, obtivestes aquilo que solicitastes. — Antes que a mulher pudesse mexer-se, Glorianna pegou-lhe na mão e aí pôs a bracelete.

A mulher olhou pasmada para o objecto. — Onde foste buscar isto?

— De futuro, tende mais cuidado com o que desejardes. — Fez uma pausa. — A esperança do coração levou a necessidade de protecção, e estão protegidos. Deixaram de estar ligados ao mundo. Não serão encontrados pelo Devorador do Mundo – nem por mais ninguém.

A mulher do olho turvo franziu o sobrolho. — Mas o sonho dizia que a esperança do coração reside em beladona.

— Assim é — retorquiu Glorianna. — *Eu sou Belladonna.*

Agitação, burburinho. Ignorando a líder, concentrou-se na mulher de olho turvo. — Pela última vez, de onde vieram as plantas?

— De uma rapariga da Colina do Corvo — respondeu a mulher de olho turvo. — Foi ela que nos deu as plantas.

— Onde fica a Colina do Corvo?

— Na costa leste de Elandar.

Tal indicação não significava nada para Glorianna, mas aguardaria até regressar à sua ilha antes de tentar perceber a localização de Elandar em relação a alguma paisagem que conhecesse.

Pegou no vaso da esperança do coração e ofereceu-o à mulher do olho turvo. — Tratai-a com desvelo. É a única âncora que vos liga ao mundo. Se a destruírem, não sei se conseguirão voltar a tocar o mundo.

— Tocar o mundo?

— Neste momento, a ilha é tudo o que têm. Só terão acesso ao que

colherem da terra e pescarem do mar nos limites desta paisagem – pelo menos até encontrar a outra... feiticeira... cujo coração ecoa neste lugar.

Glorianna recuou e pegou no vaso com a beladona que Yoshani segurava. — Agarrai-vos ao meu braço. Agora temos de partir.

— De acordo — disse, olhando em redor para os homens que tinham permanecido nos molhes.

Glorianna concentrou o coração e a vontade no seu jardim, nos cantos que representavam o Santuário. Foi invadida pelo sentimento de força e de serenidade e de lar. — Agora — segredou.

Juntos, deram o passo entre o aqui e o além – e surgiram no jardim, olhando para uma pedra com o formato de bacia cheia de água.

Glorianna pousou o vaso com a beladona junto à pedra. Não tinha a certeza de que a ilha fosse realmente uma das suas paisagens, mas iria mantê-la a salvo por mais algum tempo.

— E agora, Sensata Glorianna da Escuridão? — perguntou Yoshani, aumentando a passada para a acompanhar enquanto Glorianna tomava a direcção da zona do jardim que a levaria a Aurora.

— Preciso de falar com a minha mãe e com o Lee – talvez até com o Sebastian – para saber se algum deles ouviu falar de Elandar ou se sabem como chegar à Colina do Corvo. Se o Devorador seguiu o barco, é possível que saiba como encontrar a rapariga. Temos de a encontrar primeiro.

— Perdoa-me se a pergunta te parecer insensível, mas porque é esta rapariga tão importante?

Glorianna parou em frente da estátua de uma mulher sentada que trouxera do jardim da mãe para usá-la como âncora à paisagem de Nádia. Não tirou os olhos da estátua ao mesmo tempo que sentia a pergunta a percorrê-la.

Algo está a mudar. Já mudou.

— Porque, Ilustre Yoshani, julgo que a rapariga é como eu. É possível que haja alguém por aí que seja igual a mim.

■

O Ente bateu água contra água, frustrado por ter sido espoliado das suas presas. Enfureceu-se face à astúcia da Verdadeira Inimiga.

Conseguia ver o Lugar de Luz, mas ao aproximar-se da ilha, a terra começava a desvanecer-se, ficando cada vez menos tangível até o Ente atingir uma espécie de indicador invisível no mar. Nessa altura, a ilha desaparecia por completo.

Alguma coisa atraía a Verdadeira Inimiga a este lugar. Alguma coisa... ou alguém.

Mudando de direção, seguiu os navios que rumavam ao sul. Fora-lhe negado o Lugar de Luz, mas o Ente poderia apossar-se – e iria apossar-se – da feiticeira que contribuía para o privar das suas presas.

■

Estamos a salvo, pensou Merrill enquanto contemplava o mar tranquilo. O Destruidor já partiu; a feiticeira de coração obscuro partiu.

— Merrill.

O mundo já não nos consegue tocar. Não foi isso que ela disse? Já não seremos conspurcadas pelo mundo. Contudo, os sentimentos obscuros permanecem. A Escuridão ainda mancha a Luz. Sou a líder. Expulsarei a Escuridão. Posso fazê-lo. Assim o farei. Seja lá como for, assim o farei.

— Merrill.

Olhou para Shaela e sorriu. — Estamos a salvo. De tudo — Olhou para o vaso. — Devíamos jogar isto para o mar. Não podemos levar a planta connosco. Iria contaminar o Refúgio de Luz.

Shaela abanou a cabeça. — A esperança é a semente da Luz. Temos de conservá-la junto de nós e cuidar dela. Iremos precisar dela nos dias vindouros.

Merrill olhou para o vaso de esperança do coração proveniente de Caitlin Marie e estremeceu.

Irei expulsar a Escuridão. Posso fazê-lo. Assim o farei. Seja lá como for, assim o farei.



CAPÍTULO NOVE

— Não estou bêbedo — disse Lee ao esbarrar contra Sebastian.

— Claro que não — concordou Sebastian, guiando ambos pelo caminho que ligava a cabana de Sebastian à casa de Lee.

— Porque *tu* me expulsaste do Antro.

— É para isso que serve a família – para te ajudar a deixares de ser imbecil.

— Não é para isso que a família serve.

— Terás de explicar isso à minha esposa. Na verdade, foi a Lynnea que decidiu que precisavas de ir para casa e que te pôs a andar do Antro. Não passo do mensageiro.

Antes que Lee conseguisse dizer o que quer que fosse acerca das mulheres que se metiam nos assuntos alheios – o que o meteria também em sarilhos –, os seus pés tornaram-se repentinamente temerários e decidiram transformar o chão plano num declive ondulado.

Maldita luz do dia, não deveriam as criaturinhas chilreantes ficar caladas ao passarem pessoas pelo bosque? Parecia que se tinham reunido todas acima da sua cabeça a expressar opiniões numa algazarra aparentemente incompatível com criaturas tão pequenas. E o que bebera ameaçava agora encher-lhe a cabeça daquele ruído e transformá-lo numa dor de cabeça do tamanho de uma montanha. Como se não bastasse, continuava a sentir que algo o puxava, desequilibrando-se – e não era o uísque que bebera de um trago enquanto vociferava contra as Paisagistas e os Construtores de Pontes que teimosamente acreditavam no pior acerca de Glorianna, uma vez que uma opinião diferente exigiria que fizessem uso dos miolos.

No entanto, Yoshani tivera razão. A raiva de Sebastian quando Lee cuspira o que tinha sido dito naquele encontro no Santuário fora um fogo purificador que reflectia os seus próprios sentimentos e tinham conseguido extinguir a fúria um do outro até chegarem à opinião menos inflamada de que as Paisagistas e os Construtores de Pontes sobreviventes estavam tão cientes do perigo que todos corriam como o que saía do rabo de um burro e...

Voltou a esbarrar em Sebastian e, desta vez, teve em troca um palavrão e um empurrão amigáveis.

Sentiu algo a atrair o poder das Pontes no seu interior, querendo que respondesse, querendo que... o quê?

Agarrou-se ao ombro de Sebastian para se equilibrar.

— Luz do dia, Lee! Não bebeste *assim* tanto.

— Não, não bebi. — E sentira-se apenas um pouco mole e cansado até atravessarem a fronteira entre o Antro e Aurora. Quanto mais perto chegava do ponto onde o caminho que tinha início por detrás da cabana de Sebastian se dividia e continuava para a cabana do primo ou para a casa de Nádia, mais sentia que estava a ser empurrado e revirado e não conseguia perceber com clareza onde se encontrava.

De repente, sentiu que Sebastian o agarrava pelos ombros com tal força que o magoou.

— Estás a sentir-te mal disposto? — perguntou Sebastian, dando-lhe um abanão que em nada o ajudou. — Lee, qual é o problema?

Boa pergunta. Era como se tudo estivesse ligeiramente desfocado, ligeiramente desequilibrado. Ainda assim, continuava a parecer-lhe familiar, à excepção...

— Não sou eu, é Efémera. — Lee virou-se e seguiu pelo caminho, tropeçando devido à ligação com Efémera que estava a provocar-lhe a sensação de estar a viver um sonho febril, como se estivesse na iminência de ver outro lugar, enquanto os pés pisavam a realidade sólida de Aurora.

Sebastian caminhava a seu lado, praguejando com sinceridade e bastante criatividade, mantendo uma mão no ombro de Lee para o amparar. Chegaram ao pedregulho que indicava a bifurcação de caminhos. Lee parou, estendendo o braço para o lado de modo a impedir que Sebastian avançasse.

— Guardiões e Guias — disse Sebastian. — Aquilo é cabelo?

Uma longa madeixa de cabelo castanho-claro atada com uma fita azul jazia junto ao pedregulho.

Acercaram-se com cautela. Lee acorou-se para ver melhor e estendeu a mão, que deixou a pairar por cima do cabelo.

— Cuidado — disse Sebastian, com a voz estridente.

— Não te armes em *collie* — respondeu Lee, abstraído, minimizando a cautela de Sebastian com um aceno de mão, enquanto se concentrava no cabelo. Por fim, levantou-se e abanou a cabeça. — Que estranho.

— Nos dias que correm, estranho não é *nada* bom.

— Julgo que não representa qualquer perigo — disse Lee, massajando a nuca. Maldição, estava a começar aquela dor de cabeça que subia pelo pescoço, ameaçando depois rachar-lhe o crânio. E precisava de *pensar*. — Além disso, a magia no cabelo está a dissipar-se.

— Como é que sabes?

— O chão está a estabilizar. Ou os meus sentidos estão a voltar a ficar focados.

Sebastian apontou para o cabelo. — Era *aquilo* que te estava a fazer agir como se estivesse bêbedo?

Lee confirmou com um aceno de cabeça.

— Devíamos queimá-lo.

O Construtor de Pontes abanou a cabeça. — Ainda não. Antes disso, gostaria que a mãe e Glorianna o vissem. É possível que tenha reagido de forma tão estranha por ter “traduzido” a magia que comporta de forma errada. Por vezes, um Construtor de Pontes toca num lugar com carências opostas. As duas paisagens não ecoam uma na outra com a intensidade suficiente para que seja criada uma ponte a ligá-las. Mas alguém naquelas paisagens está a enviar um anseio do coração tão poderoso que estou a recebê-lo como premência para criar uma ligação, ainda que não consiga detectar uma sensação do lugar.

— O que fazes normalmente quando isso acontece?

— Crio uma ponte ressonante. — Lee pegou no rabo-de-cavalo. Nada para além de um ligeiro formigueiro. Bastava para que talvez viesse a reconhecer o eco do coração da pessoa. Olhou para os caminhos e, de seguida, para o cabelo. — Três opções — disse Lee. — Três possibilidades?

Sebastian examinou os caminhos e praguejou em voz baixa. — Para o bem ou para o mal, destina-se a alguém da família.

— É verdade. Então vamos lá ver o que tem a mãe a dizer sobre isto.

Conseguindo ter chegado a uma decisão, Lee tomou o caminho para a casa da mãe. Sebastian acompanhou-o.

— Efémera costuma trazer-te sinais deste género? — perguntou Sebastian.

— Não. Por isso os incubos não precisam de me andar sempre a pedir que envie madeixas de cabelo a quem quer que andem a entreter nos sonhos como amantes. — Lee olhou de soslaio para o primo e percebeu que, o que quer que Sebastian estivesse a remoer, talvez não estivesse relacionado com os incubos. — Queres saber mais alguma coisa?

— Sim — disse Sebastian, passado um momento. — O que quer dizer “não te armes em *collié*”?

Lee limitou-se a sorrir.

Glorianna abriu a porta da cozinha da casa de Nádia apenas o suficiente para espreitar. — Anda alguém a esvoaçar por aqui?

— Não — respondeu Nádia. — Os pássaros estão todos onde pertencem.

Glorianna abriu a porta e entrou na cozinha. — O Yoshani veio comigo. Aconteceu alguma coisa que...

Nervos. Tensão. Olhos repletos de perguntas no momento em que toda a família deixou o que estava a fazer na cozinha e olhou para ela. E sentiu outra presença naquela divisão – uma ressonância que lhe fez suster a respiração.

No instante em que Yoshani entrava atrás dela, silenciando o cumprimento antes de conseguir iniciá-lo, Glorianna olhou para Lee. O irmão hesitou antes de se desviar para um lado, permitindo que ela visse a mesa.

Guardiões e Guias. Conseguia sentir o ar à sua volta ao dar os poucos passos que a aproximaram da mesa da cozinha, conseguia sentir as correntes de poder que tornavam Efémera num mundo em constante mutação. Durante alguns segundos, o mundo inteiro consistia numa madeixa de cabelo castanho claro, pousada numa toalha estendida sobre a mesa. — Onde encontraram isso?

— Encontrámo-lo junto ao pedregulho onde o caminho se divide — respondeu Lee.

Glorianna levou as mãos à toalha, sem que os dedos tocassem no cabelo. A mesma ressonância do cabelo que fora atado à volta das duas plantas. Provinha da feiticeira que vivia na Colina do Corvo. Mas... como?

Ouviu vozes a murmurarem ao seu redor, a fazerem perguntas ou, no caso de Sebastian, a exigir respostas. Ouviu Yoshani a responder. Mas não passava de som, como o restolhar de folhas ou pedra contra pedra. Neste momento, as únicas mensagens que conseguia ouvir provinham de um coração longínquo.

Tanto sofrimento naquele coração, tantos anseios, tanta carência. E raiva nas mãos que tinham cortado o cabelo. Contudo, naquele coração também residia força.

Como é que isto veio aqui parar? Aquelas mulheres da ilha não vieram desta parte de Efémera. O que quererá esta rapariga tão ardentemente que essa necessidade levou Efémera a trazer cabelo cortado do local onde foi largado para um lugar onde seria encontrado por alguém da minha família?

— Alguém sabe onde fica Elandar ou onde está localizada uma aldeia chamada Colina do Corvo? — perguntou, levantando o olhar para as pessoas que a rodeavam.

Todos abanaram a cabeça.

— Posso perguntar no Antro — disse Sebastian.

— Uma das paisagens da mãe é uma povoação na costa — disse Lee. — Posso ir até lá e perguntar.

Enquanto Lee falava, Glorianna podia jurar que se abatera uma sombra por toda a mesa ainda que ninguém se tivesse mexido.

— Não — disse, dando um passo para trás. — Por agora temos de ficar juntos – e temos de encontrar esta Colina do Corvo.

— Quando regressar à minha zona do Santuário, perguntarei se os eruditos conhecessem Elandar ou a Ilha Alva — disse Yoshani. — Talvez até tenham um mapa que indique a localização desses lugares.

Glorianna anuiu ainda que não soubesse ao certo que utilidade teria um mapa – a menos que descobrisse que a mãe ou ela própria tinham uma paisagem nessa parte do mundo. Mesmo assim, não teriam de viajar para lá chegar. Qualquer lugar que ecoasse nos seus corações não distava mais do que um passo entre o aqui e o além.

Lynnea tocou na ponta da toalha. — Temos mesmo de encontrar esse lugar? — Contorceu-se quando olharam todos para ela, mas os seus olhos foram ao encontro dos olhos verdes de Glorianna. — Parece-me que, acima de tudo, trata-se de encontrar a pessoa.

— Concordo — disse Glorianna. *E trata-se de a encontrar antes que o Devorador do Mundo consiga chegar a ela.*

— Tem tudo a ver com um anseio do coração, não é? — Lynnea olhou de relance para Nádia, que inclinou a cabeça de um modo que indicava ainda não se sentir preparada para comentar. — A semana passada li uma história acerca de uma rapariga que não sabe quem é, verdadeiramente, e as pessoas da aldeia onde vive não gostam dela por ser diferente. O seu percurso é atribulado, mas no final, e-ela encontra o seu povo. E-encontra o sítio onde pertence.

O coração de Glorianna sentiu um sobressalto terno ao ver Sebastian envolver Lynnea com os braços, de modo afectuoso e protector.

— Não devias ler histórias que te perturbam — disse, dando-lhe um beijo na testa.

— Não, era uma história muito bonita. — Protegida pelos braços de Sebastian, Lynnea olhou para Glorianna. — Acho que esta rapariga não sabe quem é. Chamavam-lhe feit... — Olhou para Yoshani.

— Feiticeira — disse o homem.

Lynnea acenou com a cabeça. — Feiticeira. Quer dizer que as pessoas da sua paisagem já decidiram que é má pessoa em vez de a verem pelo que é.

Como eu, pensou Glorianna, recordando-se como a olharam as Paisagistas e os Construtores de Pontes que tinham conseguido chegar ao Santuário.

— Se é Paisagista e o seu anseio do coração é encontrar os seus semelhantes... — disse Lee.

— Efémera abriu um ponto de acesso, mas ela não o reconheceu como um meio de atravessar para outra paisagem — disse Glorianna, concluindo o pensamento.

— Por isso, desta vez, Efémera pegou no que a rapariga largou e trouxe-o até nós — disse Nádia, serenamente.

— Não consegue encontrar-te para realizar o seu desejo — disse Lynnea —, mas tu poderás encontrá-la.

Será que conseguiremos?, perguntou-se Glorianna. Outra Paisagista. Alguém que não sabia que ela, Glorianna, fora proscrita todos estes anos. Alguém com acesso a outra parte do mundo.

Uma parte que se encontrava sob ataque do Devorador do Mundo.

Um entendimento diferente do mundo. Uma base de conhecimentos diferente. Quem sabe até uma pista sobre como voltar a encaixar de novo os pedaços fragmentados do mundo. Partindo do princípio de que um dia seria seguro voltar a encaixar esses fragmentos.

— Mãe, preciso da tesoura de cozinha — disse Glorianna.

Enquanto Nádía ia buscar a tesoura, Glorianna desatou a fita azul e dividiu o cabelo em duas partes. — Como eu e o Lee conseguimos reconhecer esta ressonância, julgo que devemos ter ambos um pedaço.

— Agora já não sinto nada — disse Lee. — Parece que a necessidade ficou satisfeita quando o trouxe para casa.

Do mesmo modo, também Glorianna já não sentia nada proveniente do cabelo, mas Efémera tinha-o levado até ali, tal como o mundo levava até si a pedra em forma de bacia e a bracelete em prata.

Nádía trouxe a tesoura. Glorianna cortou a fita azul em quatro pedaços.

Quando prendeu as duas madeixas de cabelo em cima, Lynnea disse: — Devíamos entrançá-lo. Ficará mais arranjado se tu ou o Lee o levarem convosco.

Glorianna ergueu as madeixas e olhou para Lynnea e Nádía, rebolando depois os olhos para indicar os quatro homens que arrastavam os pés desastrosamente, como era hábito desse género.

— E se vocês os quatro fossem apanhar ar? — disse Nádía. — Tenho um estufado ao lume que está quase pronto. A Lynnea e a Glorianna podem ajudar-me a acabar a refeição e depois desfrutaremos de boa companhia.

A inexistência de movimento foi perceptível. Por fim, Lee disse: — Queres que saíamos da cozinha?

— Sim, querido — respondeu Nádía. — Quero que saiam todos.

Sebastian cirandou junto de Lynnea, cujo momento de lágrimas há muito passara.

— Ficas bem? — perguntou, passando os lábios junto da têmpora de Lynnea.

— Não te armes em *collie*, Sebastian — disse Lee ao sair da cozinha.

Glorianna deu risadinhas. Não conseguiu evitar. E também não ajudara o facto de Lynnea estar a ficar corada devido ao esforço para não se rir e de Nádía, que mostrava um admirável autocontrolo, ter os olhos pregados no cabelo sem lhe pegar para o entrançar.

— É a segunda vez que me diz aquilo — disse Sebastian, lançando um olhar irritado às três mulheres enquanto seguia Jeb e Yoshani para a rua.

Glorianna olhou de relance por cima do ombro. — Achas que o Lee disse ao Sebastian o que aquilo quer dizer?

— Claro que não — disse Nádia, entrançando agilmente as duas maldixas, prendendo-as com os outros dois pedaços de fita. — Mas o Jeb irá dizer-lhe.

Glorianna riu-se. — Está a integrar-se maravilhosamente, não está? Nádia olhou pela janela e sorriu. — Sim, está.

— Então, mas o que quer isso dizer? — questionou Sebastian assim que os quatro homens saíram para a rua.

Lee encolheu-se. Já devia saber que não devia ter repetido a graça. — É só um adágio.

— Por norma, um adágio tem um significado — disse Yoshani.

Parece que ser um homem venerável não é equivalente a mostrar-se útil, pensou Lee.

Sebastian semicerrou os olhos com uma expressão furiosa dirigida a Lee, para logo girar sobre si próprio, virando-se para Jeb.

Jeb coçou a cabeça e encolheu os ombros. — Eu cá nunca ouvi esse adágio, mas um *collie* é um cão pastor. Protege os rebanhos e evita que se percam.

Sebastian girou de novo para encarar Lee. — Estás a comparar-me a um cão?

— Protector — disse Lee. — Só quis dizer que estás a exagerar um pouco ao queres ser tão protector.

— Não arrelies o rapaz, Lee — disse Jeb, dando uma palmadinha amigável no ombro de Sebastian. — Está só a praticar para ser um bom papá, é isso.

Lee viu Sebastian ficar branco como a cal.

— Papá? — disse Sebastian, com a voz a aproximar-se de um guincho. — *Papá?* Ela está...? Nós...? *Como?*

— Julguei que Sebastian era íncubo — disse Yoshani.

— É o que ele diz — respondeu Jeb.

— Não deveria saber como se fazem bebés?

— Eu diria que sim.

É a bebida, pensou Lee. *É o uísque que bebi no Antro que me está a fazer sentir como se tivesse outra vez nove anos e a minha mãe nos tivesse posto na rua por estarmos a ser impertinentes.* Mesmo sabendo disso, não se absteve de olhar para Sebastian e de dizer com o mesmo tom que usaria se tivesse nove anos: — Papá. Papá, papá, papá.

Sebastian não contra-atacou. Ao invés, empalideceu ainda mais.

Foi a vez de Jeb falar: — Sabes, no dia que Sebastian se tornar pai, tu tornas-te tio.

E Lee sentiu que o sangue também fugia da sua cabeça.

Jeb inclinou a cabeça uma única vez, em sinal de aprovação. — Bem me parecia que iria resultar. — Olhou para Yoshani. — O Yoshani já viu os jardins privados de Nádia? Acabei de lhe fazer um banco.

— Gostaria muito de ver outros exemplos do seu ofício — respondeu Yoshani, sorrindo.

— O que é que achas que se está a passar lá fora? — disse Glorianna, dando uma olhadela pela janela da cozinha antes de pôr os pratos na mesa, que Lynnea acabara de desimpedir. — O Jeb e o Yoshani parecem estar a divertir-se e o Sebastian e o Lee parecem ter levado um murro sem estarem à espera.

— O Lee não devia implicar com o Sebastian — disse Lynnea. — Ainda está a habituar-se à ideia de ser Justiceiro.

— Em vez de ser arruaceiro? — perguntou Glorianna, com demasiada inocência.

Nádia virou costas à bancada onde estava a estender a massa dos biscoitos. — Uma de vocês devia mencionar que se todos se comportarem bem até ao fim desta visita, não perguntarei o que andava o Lee a fazer no Antro a beber a tal ponto que Sebastian teve de o trazer a casa. E vamos ver se nos dedicamos um pouco mais a ajudar a pôr a comida na mesa em vez de tanta galhofa.

Assim que Nádia voltou a concentrar-se nos biscoitos, Glorianna fez um grande sorriso para Lynnea. Não importava quão dedicados estavam todos à missão de salvar Efémora do Devorador do Mundo. No que respeitava a casa e à família, havia coisas que nunca mudavam.